

bora pro rolê?

uma proposta de fortalecimento
do polo noturno do centro-leste,
em florianópolis

universidade federal de santa catarina
arquitetura e urbanismo
trabalho de conclusão de curso
orientadora prof^a dr^a marina toneli siqueira
acadêmico guilherme augusto de come

agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças aos diversos amigos que fiz pelo caminho, sem eles, jamais teria uma relação e experiência com a noite que provocasse uma inquietação e um desejo por melhoria da relação da cidade com o período noturno que resultaram na elaboração deste trabalho. Agradeço especialmente à Laura, Luara, Rafaela, Matheus, Patrick, Jorge, Julie e Camile, amigas e amigos que compartilhei das mais diversas experiências noite a dentro.

Agradeço à minha orientadora que me guiou com muita sabedoria e paciência desde o primeiro dia de orientação em meio a tantas incertezas provocadas pela pandemia de COVID-19. Agradeço também ao vigia noturno Jeferson que permitiu que eu realizasse parte deste trabalho na ARQ-UFSC noite a dentro.

Meu agradecimento final vai à minha mãe, Fernanda da Silva, que sempre me deu suporte, amor e carinho por toda a minha vida. Obrigado por tudo mãe.

motivação

Quando eu estava no ensino médio, tinha além do objetivo de concluir o curso de graduação em arquitetura e urbanismo um desejo enorme de aproveitar por completo a “experiência universitária” que vai muito além dos estudos. Os momentos de socialização são fundamentais e é durante a noite em que essa atividade se mostra mais proeminente. Toda a vez que eu me preparava para ir a algum evento noturno, no entanto, eu me deparava com a mesma dificuldade, a mobilidade. Por morar longe, a dependência do transporte público e de aplicativo eram totais e dificultavam o meu acesso já que o primeiro é extremamente limitado no período noturno e o outro é custoso. Essa dificuldade, entre outras, me fez olhar a noite como um objeto a ser estudado e incorporado de forma integral pela cidade.

Nos ateliês de urbanismo e no meu estúdio, comecei a perceber que as cidades de hoje em dia são pensadas, em sua grande maioria, para o período comercial diurno. Basta olhar o próprio centro de Florianópolis que é esvaziado fora desse horário, com exceção de uma única região, o Centro-Leste. Todos os dias em que eu frequentava a região, via as ruas tomadas de pessoas das mais diferentes classes sociais, etnias, gêneros e orientações sexuais em harmonia, juntas por um objetivo: o lazer. Imaginava o potencial daquela região em se tornar um polo de entretenimento da cidade, assim como a Rua Augusta é para São Paulo e a Cidade Baixa para Porto Alegre. Sem importar modelos, por que a Avenida Hercílio Luz não pode ser a nossa Augusta? Por que o Centro-Leste não pode ser a nossa Cidade Baixa? Este trabalho de conclusão de curso procura responder a essas perguntas respeitando o que é o espaço urbano e social de Florianópolis.

justificativa

O período de tempo conhecido como noite, ou aquele nos quais não há luz solar, começou a ser mais amplamente utilizado pelos seres humanos com o advento da iluminação artificial, evento relativamente recente na história humana. Por mais que a sociedade utilize cada vez mais esses horários, tanto para lazer, quanto para trabalho, o planejamento urbano na grande maioria das vezes não leva as atividades noturnas em consideração, para além do uso residencial. Portanto, a cidade é usualmente projetada para o dia, relegando à noite majoritariamente propostas para a instalação de iluminação pública, coleta de resíduos e obras que poderiam atrapalhar o fluxo diurno.

No entanto, a noite é muito mais do que só um período em que as pessoas permanecem em casa para descansar. É também um momento de diversão, lazer e expressão. A noite é o momento em que diversos setores tradicionalmente marginalizados pela sociedade se sentem mais livres para sair às ruas, ocupar o espaço público e expressar quem realmente são. Justamente pela quebra com a dita “normalidade” e a presença desses “outros”, a sociedade “tradicional” interpreta a noite como um momento perigoso, que tolhe a sua liberdade para a apropriação da cidade. Ambos os grupos, marginalizados e “tradicionais”, têm certa razão em seus pensamentos, pois o primeiro aproveita do recuo dos olhos condenadores para expressar sua identidade, enquanto o segundo se “prende” em casa com medo da insegurança causada pela falta de luminosidade. De fato, atividades ilícitas podem ocorrer mais facilmente no período noturno. Isso significa que as pessoas marginalizadas que utilizam a noite também sofrem com essa mesma insegurança, mas também que elas estão mais dispostas a correr esse risco para reivindicar o que é delas por direito, a cidade.

Portanto, este trabalho visa dar luz ao que geralmente é esquecido quando se planeja a cidade, a noite. Incorporar esse período de tempo de forma efetiva no planejamento urbano é fundamental para um maior aproveitamento da cidade e para a integração, inclusão e diversidade urbana. A criação de polos noturnos em cidades se torna algo muito interessante dos pontos de vista turístico, cultural, artístico, de entretenimento e econômico para as cidades que os adotam. No estudo de caso aqui explorado, aborda-se o Setor Leste do Bairro do Centro em Florianópolis que recentemente emergiu como um potencial pólo de ocupação noturna da cidade. O trabalho lança de alguns instrumentos da política urbana para fortalecer esse potencial de ocupação e facilitar a vida de todas e todos da cidade que escolhem aquele lugar à noite para exercer diferentes tipos de atividade, levantando eventuais problemáticas que podem aparecer com as mudanças propostas e como elas podem ser impedidas ou ao menos mitigadas, a fim de promover usos ativos, diversos e inclusivos.

objetivos gerais

O presente trabalho visa trazer uma proposta de fortalecimento da cena noturna do Centro-Leste, no bairro do Centro, em Florianópolis, trazendo maior estímulo e suporte ao lazer e trabalho noturno respeitando o valor histórico que a área representa para a cidade, preservando sua diversidade de usos com o cuidado para não provocar o processo de gentrificação da área.

objetivos específicos

Em síntese, este trabalho propõe-se à: 1. Trazer um resumo da relação da humanidade com o período noturno; 2. Resumo histórico das atividades sociais noturnas em Florianópolis; 3. Revisão histórica das relações de ocupação e poder no Centro-Leste, antigo bairro da Pedreira; 4. Realizar uma análise da cena noturna atual do Centro-Leste através de vivências no local e relatos de pessoas que frequentam a área; 5. Elaborar uma proposta de mudanças na legislação, na mobilidade do bairro e inserção de mobiliários que fortaleçam a vocação noturna sem que provoque gentrificação e sem causar ruptura da dinâmica atual.

Sua mãe rio

03

motivação
justificativa
objetivos gerais e específicos

06

parte I: a visão da sociedade sobre o período noturno
na história

07

parte I: dos desafios aos prazeres

10

parte I: a noite em Florianópolis

14

parte I: os polos atuais de lazer noturno de Florianópolis

18

parte I: o histórico do local

20

parte I: projetos recentes de restauração de
edificações tombadas

21

parte I: projetos contemporâneos do poder público para
o centro-leste

23

parte II: análise urbanística

31

parte II: a ocupação noturna no centro leste de
Florianópolis

34

parte III: proposição de diretrizes

43

referências bibliográficas



capítulo I:

o esquentar

a visão da sociedade sobre o período noturno na história

A noite como nós conhecemos é um conceito relativamente recente. De acordo com Dewdney (2004), a conquista da noite pelo homem começou a engatinhar com a própria descoberta do fogo. Evidências sustentariam essa tese com indícios de que a humanidade pré-histórica utilizava o fogo queimando primeiramente pedaços de madeira e mais tarde envolvendo essa mesma madeira em gordura animal para que a chama fosse mais duradoura. São as marcas escuras nos tetos das cavernas, especialmente nos mesmos locais onde foram encontradas as pinturas rupestres. A primeira evolução da iluminação noturna criada por humanos aconteceu na Mesopotâmia, com o nascimento das primeiras civilizações e cultivo de larga escala, e quando as tochas com banha animal se tornaram lâmparinas de cerâmica com óleo vegetal como combustível.

Ainda segundo Dewdney (2004), a primeira era na qual se começa a ter iluminação noturna mais amplamente difundida foi na Roma antiga com a invenção da vela e a massificação das lâmparinas a óleo. Ainda assim, a luz proporcionada por essas fontes era naturalmente muito fraca e ficava confinada no interior das residências. Assim, a ocupação da noite se restringia ao espaço privado. Com a queda de Roma e o início da Idade Média, o planeta voltou a ficar mais escuro com o êxodo das cidades para o campo e o que restava das cidades não se comparava à Roma. Soares (1999) pontua que durante o período medieval no ocidente, com o maior controle das populações pela nobreza e em especial nesse caso pelas religiões cristãs, a noite tornou-se o lugar do pecado em dualidade com a virtude do dia. Essa imposição de polarizações entre bem e mal, luz e escuridão, é utilizada para o controle da população pelas igrejas pelo conceito de pecaminização da vida, na qual os frequentadores do período noturno só poderiam ser forças “a serviço do mal”, incluindo bruxas, mendigos, prostitutas e bandidos. As únicas ocasiões em que a igreja tolerava o uso da noite era em momentos de celebrações religiosas e mais tarde também celebrações cívicas.

“o dia passou a ser entendido como o momento propício para a valorização do espírito através das orações, do trabalho e da abstinência em relação ao prazeres corpóreos, e a noite

como o momento do amor comedido e matrimonial, do descanso e da necessária recomposição das forças físicas.”

SOARES, Luis Carlos (1999)

O período noturno só voltou a ser explorado com maior eficiência e liberdade no período do Iluminismo, quando a lâmparina de óleo vegetal já havia evoluído com a utilização de querosene. Foi nessa época que surgiram as primeiras aparições da iluminação pública, desejadas por Louis XIV para a Paris do século XVII e logo seguida por outras grandes cidades européias. Nesse momento, a vida noturna, já em franca expansão no âmbito privado da nobreza com os bailes, começa a desabrochar com os aventureiros que saíam à noite com o auxílio dos postes de iluminação guiando o caminho (SOARES, 1999).

Para Glaucia Dias da Costa (2004), parte importante do processo de ocupação da noite ocorre com a dessacralização da noite, assim sendo culturalmente permitido a utilização dela para outros usos para além do religioso. Com a profanação da noite e a revolução industrial, a exploração do período noturno começa a extravasar para além do âmbito privado pela elite e proletariado. Segundo Murray Melbin, no artigo “The Night as a Frontier” (1978), a ocupação do espaço público no período noturno poderia se comparada à colonização do oeste estadunidense, onde os primeiros exploradores da noite seriam os andarilhos, os trabalhadores de produção e os que poderiam ser caracterizados como os boêmios, em especial aqueles habitando em Paris e que tiveram a vantagem de aproveitar uma cidade modernizada pelas Reformas Urbanas do Barão de Haussmann no século XIX. Antes mesmo da burguesia se ocupar da noite pública — já que gozavam da particular — o proletariado começa a acompanhar os boêmios na ocupação das ruas de Paris à noite.

Tanto Costa (2004), como Soares (1999), Dewdney (2004) e Melbin (1978) mencionam o século XIX como o grande ponto de inflexão da visão da noite pela sociedade. O desenvolvimento da iluminação pública a carvão e a gás em 1820 em Londres (MELBIN, 1978) e a invenção da lâmpada incandescente em 1878 (DEWDNEY, 2004), acompanhado de diversas reformas urbanas — de caráter higienista — e sociais — como a criação de

sindicatos — geram profundas transformações socioespaciais nas grandes cidades européias. Nesse mesmo contexto, a ocupação noturna pública é massificada e comercializada, com os bulevares da Paris Haussmaniana servindo de vitrine para a nova era do consumo. Assim, os andarilhos, as prostitutas e os boêmios passaram a dividir as ruas com o proletariado e os burgueses, que começavam a ver o espaço público noturno como um novo espaço de lazer e socialização (COSTA, 2004)

No início do século XX, com o sistema capitalista já estabilizado em grande parte dos Estados Nações, a noite começa a ser vista como um negócio pela burguesia. Portanto, inicia-se um movimento de “glamourização” a fim de impulsionar o consumo neste momento do dia. Como a maior parte do trabalho — assim como ainda é hoje — ocorre durante o dia, coube então que o capitalismo ocupasse esse período com atividades de lazer e entretenimento que gerassem consumo e lucro, como os cassinos, as boates, teatros, cinemas e restaurantes (SOARES, 1999)

Ainda que houvesse a glamourização da noite, no entanto, havia algumas regras a serem seguidas baseadas na moral burguesa da época, como o impedimento do aproveitamento da noite por crianças, mulheres desacompanhadas e pessoas vistas como sem potencial de consumo. Além disso, foi acompanhado pela concentração desses serviços em determinadas áreas da cidade para maior poder de controle do Estado, assemelhando-se às práticas vistas no século anterior com a concentração de bordéis feitas pelos higienistas. Muitas dessas áreas, inclusive, seguem sendo grandes pólos de atração noturna contemporaneamente, como é o caso da Broadway e da Times Square em Nova Iorque, do West End em Londres e da Lapa no Rio de Janeiro (SOARES, 1999)

Da primeira metade do século XX até os dias de hoje, a vida noturna foi se expandindo especialmente para aquelas pessoas que antes eram impedidas de vivenciá-la através da expansão e fortificação de pautas sociais e igualitárias. Porém, ainda se segue com uma visão dualista entre dia e noite: o que antes era comparado como bem e mal na moral cristã agora é comparado com trabalho e lazer pelo produtivismo capitalista, com os usuários da noite muitas vezes sendo identificados como malandros, arruaceiros e/ou vagabundos (SOARES, 1999). Ainda assim, essa visão dualista do dia e da noite pode invisibilizar os trabalhadores noturnos e usos lucrativos para o próprio sistema econômico. Não é à toa, portanto, que estratégias de marketing de cidades, renovação urbana e planejamento estratégico têm se utilizado das atividades noturnas como âncoras para a atração



de turistas, usuários e empresas solventes (VAINER, 2002).

dos desafios aos prazeres

Quando pensamos na noite nas cidades, pensamos num determinado período de tempo durante as 24 horas do dia e em um espaço físico determinado: a cidade. A noite apresenta diversas diferenças que trazem sensações distintas ao ser humano. Nesse sentido, atravessar o centro de uma cidade durante o período noturno provoca sentimentos diferentes em comparação com cruzar ele durante o dia. Logo, as pessoas se comportam de forma diferente, encaram pessoas e situações diferentes e se expressam de formas diferentes. Todas essas transformações subjetivas nos humanos trazem para a noite uma característica muito distinta se comparada ao dia (COLABORATÓRIO, 2014). Mas, uma coisa que ainda se mantém de forma relativamente constante é o espaço geográfico das trocas humanas.

Por diversos movimentos históricos das elites, o centro e bairros nos arredores acabaram por ser ocupados pelos mais afluentes na sociedade e camadas mais pobres foram empurradas para a periferia, onde diversos aspectos das vidas dessas pessoas são alterados enquanto sua mobilidade, segurança e opções de lazer e trabalho são limitadas, principalmente pelo fato que a maior parte da infraestrutura e serviços urbanos estarem concentrados nos centros das cidades, justamente onde moram as elites (VILLAÇA, 2001). Quando nós tratamos da noite na cidade, essas diferenças ficam ainda mais evidentes principalmente no âmbito do lazer. Por ter um público frequentador naturalmente menor do que durante o dia, os espaços dedicados à noite ficam usualmente concentrados em áreas centrais da cidade, embora não necessariamente no centro principal, como ocorre na Cidade Baixa de Porto Alegre e na região da Rua Augusta em São Paulo. Nesse sentido, se fizermos uma análise histórica dos polos noturnos nas cidades, temos grandes e variados exemplos de bairros centrais que em algum momento da história sofreram com o abandono e depreciação pelas elites políticas e econômicas, mas que “ressurgem” após a instalação de bares e restaurantes na região. Por exemplo, o já mencionado caso da Rua Augusta, que era uma rua nobre de São Paulo até os anos 1960, entrou em decadência e ressurgiu nos anos 2000 a partir da instalação de diversos bares, restaurantes e casas noturnas. Hoje em dia a Rua Augusta é um dos maiores destinos na noite paulistana. Em Florianópolis também podemos ver esse fenômeno no Centro-Leste, com seu esvaziamento no início dos

anos 2000 e recuperação através dos bares no final da década de 2010, como iremos ver ao longo desse trabalho.

Os momentos de lazer começaram a ser setorizados desde a Revolução Industrial, hoje não é diferente, a maior parte do trabalho está concentrado durante o dia e em dias úteis. Logo, os momentos de lazer e ócio se concentrariam nos finais de semana e durante as noites, entre as atividades de lazer mais apreciadas é a socialização com amigos e pessoas desconhecidas, usualmente na presença de bebidas, comidas e música, entre outros. Essa socialização pode ocorrer em casas noturnas, nas quais os usuários também dançam; em bares, alguns temáticos, outros com karaokê, entre outros atrativos; teatros e cinemas, com apresentações culturais; assim como na própria rua, enquanto espaço público aberto e que permite formar rodas de conversa na calçada ou mesmo na via. Sentar em mesas de bares ao ar livre se tornou uma das opções mais apreciadas pelos frequentadores após a pandemia da COVID-19, mas nem sempre essas atividades são bem vistas por setores da sociedade e do poder público. Retirar alvará para funcionamento até a madrugada é mais difícil, quando não impossível, frequentemente os usuários da noite podem se deparar com ações violentas da polícia que cerceiam o direito de ocupar a rua. Esses aspectos, que tornam o lazer noturno muitas vezes uma guerra entre as pessoas que querem fortalecê-lo e aquelas que querem terminar com ele, são em sua grande maioria fúteis. Por isso proponho neste trabalho focar nos desafios do uso noturno.

Com relação aos desafios atuais para o uso noturno, é necessário destacar que mesmo nos bairros centrais onde há maior acessibilidade pelo transporte público e privado, historicamente as cidades brasileiras enfrentam grandes desafios no que tange a mobilidade e durante a noite os problemas se multiplicam. Em 2016, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 13 milhões de pessoas trabalhavam no período noturno e são acompanhadas por mais 1,6 milhões de estudantes do ensino médio que trabalham e estudam durante a noite, respectivamente (ROZA; SEIDLER, 2020). Em 2018, os dados do Censo da Educação Superior mostraram que os cursos superiores realizados no período noturno superam aqueles realizados no período diurno (ROZA; SEIDLER, 2020). Esses estudantes e trabalhadores se deparam com uma dificuldade comum, a mobilidade. Das poucas cidades que possuem transporte público durante a noite, a maioria funciona de forma deficiente, podendo ser a limitação de horários ou itinerários, deixando boa parte da cidade sem qualquer acesso ao transporte público durante a madrugada

(ROZA; SEIDLER, 2020).

Na maior parte das vezes, o sujeito que está mais suscetível ao transporte público deficiente é o mais pobre. Como mencionado, os movimentos históricos de expulsão das classes mais baixas dos centros das cidades deixaram essa camada mais dependente de transporte público, no qual é muitas vezes inexistente no período noturno, prejudicando a qualidade de vida dos milhões de trabalhadores e estudantes mencionados acima. Além destes, com a concentração de atividades noturnas em determinados polos, a falta de transporte tolhe ainda mais esses sujeitos o direito à cidade, lazer e recreação. Sabe-se que o movimento durante a noite e madrugada é bem menor que durante o dia, logo, o transporte no período noturno não precisaria funcionar da mesma forma e intensidade que durante o dia. No entanto, servir de forma estratégica todas as regiões das cidades em diversos horários, o transporte público coletivo pode garantir não somente o direito à cidade como também trazer maior segurança no trânsito, desestimulando um eventual motorista dirigindo embriagado por não ter outra alternativa de transporte disponível ou economicamente viável a ele. Por outro lado, transportes de táxi e por aplicativos aliviam o gargalo da mobilidade noturna, porém ambos são custosos e o último entrou em crise depois do aumento acentuado dos combustíveis entre o final de 2021 e início de 2022, diminuindo ainda mais a disponibilidade por esse serviço. Finalmente, o aumento da disponibilidade e acesso ao transporte público e coletivo para o período noturno pode vir a ampliar o acesso de diferentes grupos e aumentar o uso da cidade durante a noite, garantindo mais segurança e “olhos na rua” para todas e todos (JACOBS, 2000).

Ainda, como mencionado anteriormente, em 2016 o IBGE constatou 16 milhões de pessoas que trabalham no período noturno, entre as profissões podemos citar as de porteiro, enfermeiro, médico, trabalhadores do sexo, segurança pública e privada, além dos trabalhos voltados para a indústria cultural, como os garçons, atendentes, DJs, faxineiras, ambulantes, cozinheiros, taxistas e motoristas de aplicativo. Diversos desses empregos são praticamente exclusivos ao período noturno. Todos esses empregos contribuem para a economia e geração de riqueza de uma região. Esses trabalhos, empregados e empreendedores são frequentemente esquecidos pelo poder público que se concentra somente no período diurno, trazendo a ideia de que a noite serviria unicamente para o descanso e prejudicando a mobilidade, a segurança e o cotidiano desses trabalhadores e estudantes. Essa é uma visão rasa e limitadora, muitas cidades no mundo que inverteram essa visão acabaram

gerando mais incentivos, emprego e renda para sua população, com o foco principalmente no entretenimento.

Melbin em seu artigo “The Night as a Frontier” de 1978, faz algumas observações acerca da segurança e da liberdade de expressão no período noturno em comparação à época de expansão estadunidense para o oeste no qual ele menciona que a noite urbana é o escape de regras sociais e em consequência mais liberdade e menos perseguição, principalmente de grupos marginalizados pela sociedade. Assim, os grupos atualmente marginalizados que sofrem algum tipo de preconceito quando estão mais expostos socialmente veem mais conforto e segurança ao sair e se expressar durante a noite. Melbin (1978) menciona os moradores de rua e homossexuais como usuários da noite. Nesse caso, vale atualizar adicionando LGBTQIAs, profissionais do sexo e qualquer pessoa que possa sofrer algum preconceito por sua aparência assim como pessoas que queiram se expressar de forma considerada “fora do tradicional”. Portanto, a noite também é utilizada para a expressão de desejos, vontades e fetiches de pessoas que possuem vidas “dentro do padrão” e que sofreriam algum tipo de recriminação pela sociedade conservadora aos assumi-los e demonstrá-los.

Esse é um ponto que de certa forma parece ser paradoxal com um desafio levantado por Melbin (1978): a questão da violência. Tanto a noite quanto os assentamentos isolados são/eram considerados muito violentos, lugares de maldade, mas que em boa parte das vezes não eram tão perigosos de fato quanto o estigma ou preconceito ditava. A interpretação da lei e aqueles que a aplicam se tornam mais obscuras e seletivas durante o período noturno enquanto aquelas forças governamentais se tornam mais dúbias ao se comporem por números mais enxutos durante a noite e por servidores de baixo escalão tomando decisões que durante o dia só seria tomada por instâncias superiores. Esse tipo de “liberdade” permite que a aplicação da lei seja menos profissional e mais pessoal de cada agente de segurança. Ainda, essa situação leva a resultados mais extremados, seja pelo uso truculento da força, seja de forma leniente. Portanto, o baixo número policial, aliado com decisões isoladas e sem controle também são responsáveis pela violência no período da noite. (MELBIN, 1978). Portanto, se de fato, a violência é um fator importante a ser considerado visto que os índices de criminalidade são mais elevados no período noturno do que durante o dia, resolvê-la passa por diferentes iniciativas que vão desde melhor mobilidade, usos diversificados, melhoria das condições sociais e atendimentos de grupos vulneráveis..

Cabe destacar, portanto, que existem diversos exemplos de iniciativas voltadas para a cena noturna em cidades do

mundo que vão desde a difusão de banheiros públicos em Paris e a criação de projetos especiais para a qualificação urbanística de distritos noturnos em Nova York.

• Montreal

A ideia de criar um distrito cultural em Montreal começou a circular por volta de 2001 e finalmente em 2003 vários representantes do setor cultural de Montreal se reuniram e criaram a Organização Não Governamental Quartier des Spectacles. A ONG tinha por objetivo encontrar uma área na cidade que pudesse concentrar os diversos festivais que a cidade recebia. Em parceria com a Prefeitura, a área escolhida foi o antigo “Distrito da Luz Vermelha”, uma região que contava com uma forte riqueza cultural e que possuía potencial de investimento para o fortalecimento e ampliação das atividades culturais da área, para atração turística para a cidade e, por consequência, para a economia local. (DOESER, KIM, 2018)

Atualmente a ONG possui 60 membros e faz o papel de secretária do distrito enquanto sua mesa diretora define direções gerais para o desenvolvimento e promoção do Distrito da Luz Vermelha. Vale ressaltar que os poderes executivos da cidade que Montreal e da província de Québec possuem cadeiras na diretoria da ONG, porém como membros não votantes. (DOESER, KIM, 2018)

A ONG Quartier des Spectacles segue 10 pontos estratégicos para o fortalecimento do projeto para a região:

1. Um bairro em equilíbrio.
2. Um hub de criação artística, inovação, produção e apresentação.
3. Um centro internacional para criação artística e destino cultural.
4. A rua: viva e um caminho de descoberta.
5. Um bairro completo e coerente, conectado ao seus bairros arredores
6. Espaços públicos: lugares para expressões artísticas.
7. Infraestrutura permanente e locais designados para atividades culturais.
8. Uma assinatura única e iconografia distinta.
9. Um sabor vibrante e contemporâneo.

10. Parceria, criação e promoção da visão do Quartier des spectacles.

• Amsterdam

A cidade de Amsterdam tem sua cena noturna estabelecida historicamente e é reconhecida internacionalmente, em especial pelos “coffeeshops” para venda legalizada de cannabis, assim como pelo Distrito da Luz Vermelha que ganhou fama com seus prostíbulos. Desde 2003, a cidade possui o título de Prefeito da Noite, no qual é um cargo voluntário e que passa por eleições que contam com um júri composto de representantes de entidades da cena noturna da cidade e o público morador e frequentador da área. Em 2012, o título foi institucionalizado com a criação da ONG “Stichting N8BM A'DAM” (Fundação Prefeito da Noite) na qual seu cofundador Mirik Milan foi o primeiro Prefeito da Noite após a institucionalização. O cargo serve para aproximar o poder público, em especial a Prefeitura, aos comerciantes e frequentadores da região. O Prefeito da Noite não tem nenhum poder efetivo, mas resguarda o direito de ter contato direto com o poder executivo da cidade, com reuniões frequentes com o prefeito oficial. O cargo, para além do acesso do setor ao poder público, também atua como auxiliar em questões legais para o setor noturno (COLABORATÓRIO, 2014).

• São Paulo

Já na maior cidade do país é possível identificar iniciativas com relação aos trabalhadores noturnos. A Câmara Municipal de São Paulo aprovou a criação de um terceiro turno em creches para que ambos os pais possam trabalhar no período noturno. Essa é uma medida que favorece principalmente os mais pobres, em que a renda tanto do pai como da mãe tem importância no orçamento das famílias (Lei Municipal 174.333/2020). Outra solução para os trabalhadores noturnos é a formação de “crecheiras”, que seriam treinadas e remuneradas pelo Estado para poder abrigar crianças cujos pais trabalham durante a noite. Parte do problema poderia ser resolvido com a extensão das licenças maternidade e a equiparação da licença paternidade com a anterior (MACHADO, 2020). Porém, ainda que ambas as licenças sejam estendidas e alternadas, a criança ainda vai estar em idade que não pode ficar desacompanhada. Logo, as creches noturnas ainda podem ter papel fundamental para o bem estar financeiro das famílias.

Com algumas dessas experiências em mente é possível nos aproximarmos do caso de Florianópolis.





capítulo II:

o local da festa

a noite em florianópolis

Em sua dissertação de mestrado, Costa (2004) traz dois relatos que, separados por aproximadamente um século, trazem imagens muito diferentes da capital catarinense. O primeiro é de autoria de Paulo José de Brito relatando a sua estadia no Desterro de 1797 em sua obra Memória política:

Em um baile que também deu o dito governador pelo mesmo motivo, vi uma brilhante companhia de senhoras e de homens, das famílias mais distintas do país, e uma numerosa orquestra, em que se tocaram todos os instrumentos de sopro, e de cordas, com harmonia e bom gosto. Cantaram várias senhoras e dançaram minuetes, contradanças e valsas, tudo segundo os usos da Europa. Fiquei admirado de encontrar tudo isto em uma terra tão pequena do Brasil (...) e a exceção do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, em nenhuma das terras em que estive, observei nas senhoras a polidez, urbanidade, e boas maneiras, que tinha encontrado nas de Santa Catarina...

BRITO, Paulo José de (1797)

O segundo relato é de autoria de Virgílio Várzea e publicado em 1900 em sua obra Santa Catarina, A Ilha:

A capital catarinense é talvez um pouco triste, para os que estão acostumados nas cidades movimentadas e ruidosas, onde a vida nas ruas, nos cafés, nas brasseries e teatros, constitui, durante o dia e a noite até altas horas, perene diversão pública, saturando a atmosfera em volta de alvoroço e alegria. Com uma

pequena população, que não passa de 15.000 almas, disseminada em grande parte por arrabaldes longínquos, com casas comerciais, oficinas e fábricas quase todas acumuladas em um ponto determinado e central, ela só apresenta movimento e bulício do alvorecer ao meio-dia, hora em que as ruas do comércio (Altino Corrêa e João Pinto, principalmente) e a Praça Quinze de Novembro na parte do cais, transbordam de povo, em uma afluência contínua, sobrelevada duas vezes por semana pela feira dos alemães e nacionais, acudindo à cidade com seus gêneros e mercadorias (...). À tarde o aspecto é mais triste; e à noite, com a falta de iluminação a eletricidade ou a gás (o que é incompreensível, hoje, em um centro que tanto tem progredido ultimamente), reina certa melancolia, particularmente se o rebojo do sul bate a cidade, embocando furioso nas ruas e uivando em rajadas. Comumente as diversões no Desterro não vão além das partidas dançantes em clubes e casas de família, e a ausência de outros quaisquer divertimentos é de tal ordem que semelhantes reuniões se repetem freqüentemente duas, três e mais vezes por semana. A tal respeito, é de justiça mencionar aqui, dentre as distintas associações desterrenses, o Clube Doze de Agosto, que conta com certa de 30 anos de existência, o Clube Germânia, também de fundação antiga, e o Clube Dezesesseis de Abril. Estas agremiações compõem-se do que Florianópolis tem de mais seleta e elevado, e dão festas dançantes e sessões de jogos no salão para famílias, que são o que há de mais apreciável e digno

VÁRZEA, Virgílio (1900).

No relato de Brito notamos um tom positivo para a cidade e de seus cidadãos que durante um baile se comportavam com “polidez, urbanidade, e boas maneiras”, mas nota-se que o relato sequer cita o ambiente público (COSTA, 2004). De fato, a caracterização da noite na cidade no final do século XVIII não dista muito do que seriam as cidades ocidentais da época, com as poucas atividades noturnas sendo realizadas em ambientes privados e as ruas esvaziadas dos “cidadãos de bem”, exceto quando havia festas cívicas ou religiosas. Normalmente, os próprios moradores acendiam lâmpões nas portas de suas casas, trazendo um pouco de iluminação à rua (COSTA, 2004).

Assim, o uso da rua no período noturno combinaria os mesmos sujeitos que se apresentavam em cidades de outros países como visto no tópico anterior. “Gente na escuridão das ruas, (...) só podia ser soldado, marinheiro, escravo ou marafona” como relata Oswaldo Cabral em seus estudos sobre os jornais do século XIX (CABRAL, 1979). Percebe-se no comentário de Cabral alguns sujeitos adicionados à cena noturna: o soldado, o marinheiro e o escravo. Pode-se concluir que o fato de Desterro possuir muitos fortes e estar inserido em um país escravocrata explicaria a presença deles na noite desterrense. Inclusive, o Código de Posturas de Florianópolis de 1898 impedia as pessoas de estarem fora de ambientes privados entre às 22:00 e às 05:00 — o que por si só já impediria qualquer tipo de vida noturna pública — e que as únicas pessoas autorizadas a transitar nesse horário seriam os escravos e prisioneiros com a única finalidade de jogar fora as fezes e águas servidas (COSTA, 2004). Por outro lado, vale mencionar que as leis da época impediam sambas e batucadas em ambientes públicos, assim como punições a comerciantes que permitissem que o vadio e o escravo ficassem mais tempo que o necessário para a compra e venda (COSTA, 2004). Portanto, o caráter escravista e excludente da sociedade brasileira e florianopolitana também se expressavam no lazer e no período noturno.

Já no segundo relato, de autoria de Várzea, feito aproximadamente um século depois, percebe-se uma grande diferença na descrição que o autor dá à cidade em relação ao relato de Brito. Com certo tom depreciativo, talvez frustrado, o quão a cidade, na opinião dele, está atrás no tempo, principalmente em opções de lazer e iluminação pública, comentando que, ao contrário das cidades maiores, como a capital federal da época, Desterro possuía somente “alguns clubes ou casas de família” para o lazer noturno. Tal relato ainda mostra o caráter exclusivamente privado do lazer noturno e, não só isso, como também era reservado somente



à elite desterrense.

A discrepância na caracterização da cidade feita por Brito e Várzea deve-se a conceitos de urbanidade e vida pública bem diferentes. Como dito anteriormente, no final do século XVIII e início do XIX a ideia de urbanidade era baseada em etiqueta e polidez das pessoas e a ideia de vida pública se limitava ao dia e a espaços privados durante a noite enquanto no máximo a realização de festas cívicas ou religiosas ocorriam no ambiente público. No final do século XIX e início do XX o conceito já era bem diferente. A evolução da tecnologia, em especial da iluminação pública, permitiu que os seres humanos se sentissem mais seguros em ficar fora de casa até horários mais tarde. Com isso, veio a maior demanda para serviços nesse período antes inexplorado, como confeitarias, cafés, cinemas, entre outros. Esses serviços foram implantados justamente no período entre os dois relatos. Então, para Várzea, uma cidade, capital de um estado, não contar com esses “divertimentos” e nem iluminação, seja a gás ou elétrica, era um sinal de uma cidade parada no tempo enquanto que para Brito, esses itens não eram sequer uma realidade, logo não fariam falta (COSTA, 2004).

Portanto, nas décadas seguintes à implantação da rede elétrica em Florianópolis em 1911, a cidade vive um momento de transformação em seu território, assim como das leis e costumes de seus habitantes. Anteriormente era ilegal e imoral uma pessoa ocupar a rua no período noturno. Agora a sociedade se adequava à nova realidade baseando-se na aspiração de ser como a então capital federal, o Rio de Janeiro. Tendo esse desejo em mente, a burguesia florianopolitana abraçou os conceitos higienistas — em voga na época — e promoveu um embelezamento do centro de sua cidade, com iluminação pública, alargamento e calçamento de vias, e melhorias em praças, entre outros. Essas reformas urbanas, assim como no Rio de Janeiro, foram realizadas às custas das camadas de mais baixa renda da sociedade. Inclusive, essa expulsão e demolição das moradias populares era uma questão fundamental para a elite consolidar o seu espaço e usufruir dos investimentos públicos junto a seus pares e excluindo aqueles considerados indesejáveis (COSTA, 2004).

Com a cidade iluminada, sair à noite tornou-se um passatempo comum aos habitantes. A burguesia agregou ao seu lazer noturno, para além dos clubes privados, socializações em cinemas, cafés e confeitarias — que talvez seriam uma versão elitizada das tabernas — se tornam atividades cotidianas para a burguesia da época. Foi na

década de 1920 que foram inaugurados o bar Miramar - no mesmo local do antigo trapiche onde os barcos vindos do continente atracavam -, e o segundo edifício da Confeitaria Chiquinho, cuja estrutura ainda se encontra de pé na esquina da Rua Felipe Schmidt com a Rua Deodoro, no centro de Florianópolis (FLORIPA CENTRO, 2021).



Confeitaria Chiquinho em sua segunda sede. Fonte: A Gazeta 10/04/54.

Com a alteração dos costumes, as leis acompanharam, após abolir a proibição de frequentar lugares públicos durante à noite, o Código de Posturas do município começa a regular o horário de funcionamento de estabelecimentos que vendiam bebidas alcoólicas, prática que se perpetua até hoje (Costa, 2004). Ainda, a fim do Estado ter mais controle sobre a noite urbana, em 1937 foi criada a Guarda dos Vigilantes Noturnos da Capital, que tinha o objetivo de aplicar a lei durante à noite e deter cidadãos caso aparentassem estar embriagados e dispersar aglomerações não autorizadas previamente.

No final da década de 1950 e década de 1960, a capital catarinense viu a inauguração de dois bares que se encontram abertos até hoje e na área de trabalho deste TCC: o Canto do Noel, inaugurado na Travessa Ratcliff em 1957 e a Kibelândia em 1966 na Rua Victor Meirelles. No entanto, Florianópolis seguiu com poucas alterações em sua dinâmica noturna até a década de 1960, quando as possibilidades de lazer noturno se encontraram mais uma vez limitadas, principalmente de forma geográfica no centro da cidade. Além disso, Florianópolis mais uma vez seria questionada sobre a sua capacidade de modernização, assim como Várzea (1900) questionava no final do século anterior. Não à toa, portanto, planos diretores

e discursos políticos questionavam a sua capacidade como capital política enquanto preconizavam a necessidade de estimular o desenvolvimento econômico. No entanto, enquanto que para muitos a noite era um espaço de se expressar de forma que não fosse possível realizá-las durante o dia pela moral da época, as pessoas que frequentam a noite eram estigmatizadas como vagabundas e desordeiras (COSTA, 2004). Durante a expansão dos cafés, confeitarias, clubes e cinemas para as elites da capital, o comércio noturno popular também ganhava espaço, ainda que fosse frequentemente reprimido pela polícia, mídia e costumes conservadores. Enquanto os clubes sempre figuravam na coluna social dos jornais, os bares e “áreas menos nobres” da cidade se apresentavam constantemente nas páginas policiais.

Na metade do século XX se estabelecia em Florianópolis uma forma diferente de lazer noturno, a seresta. Diferente da boemia, que era uma prática que se concentrava em tabernas, cafés e confeitarias, a seresta se destinava ao espaço público, à rua, tanto é que por isso tem esse nome pois é uma derivação de sereno. A prática tinha uma relação próxima ao mesmo tempo que idealizava a natureza, em especial a lua (COSTA, 2004). Seus praticantes se reuniram durante as noites em rodas para tocar instrumentos e cantar para a pessoa amada ou as dores da vida junto com os amigos. Era uma forma que as pessoas encontraram para revelar o seu amor a pessoa amada, um modo de conquistar o coração de outra pessoa e a escolha da noite como o intervalo do dia para as serestas se dava ao fato da noite trazer um certo tom de mistério (COSTA, 2004) - assim como o seresteiro saber onde está a sua amada, no próprio quarto.

A seresta encontra um território fértil para a sua manifestação, Florianópolis, apesar de já estar em pleno processo de modernização, ainda era considerada uma cidade com mentalidade rural (PEREIRA, Sem data), especialmente fora de seu centro fundacional. Esse pensamento rural se expressa em um ritmo mais lento, em contraponto ao moderno, no qual foi tomando gradativamente um maior espaço a partir da década de 1970. (COSTA, 2004)

Florianópolis, por até então ser considerada provinciana, ainda mais para uma capital, sua elite tinha muita influência na política, na polícia e nos costumes, tanto é que foi através de seus movimentos que segregações sociais e geográficas ocorreram na cidade. Com as opções de lazer noturno também não seriam diferentes. Os bares das camadas média e baixa se concentravam na zona portuária do centro da cidade, em especial na Rua Conselheiro Mafra, a qual era muito

conhecida pela presença das profissionais do sexo e por ser local de encontro de homossexuais, em especial próximo às ruas Francisco Tolentino e Frederico Rola. Os bares mais conhecidos de prostituição na época eram os bares da Sarita, da Vera e do Luiz, nas quais frequentemente depois de serem contratadas, as profissionais do sexo iam para a Pensão Kowalski, próxima ao Mercado Público. A pensão era conhecida na cidade como sendo um motel que era utilizado tanto por profissionais do sexo como por casais. Era frequente alvo de ações policiais, visto que na época era proibido o ato sexual fora do ambiente residencial. Outros bares populares conhecidos da época eram os Alvorada na Felipe Schmidt e o Universal na Rua Jerônimo Coelho, esse último em épocas do ano funcionava 24 horas por dia. De forma geral, os pontos de lazer noturno que sofriam mais com a repressão policial eram os destinados às classes mais baixas, sendo frequentemente reproduzidos pela mídia local (COSTA, 2004).

Já na segunda metade da década de 1960 e na década de 1970 o país estava em período desenvolvimentista e rodoviarista e em Florianópolis não seria diferente. Até então havia muitos debates políticos sobre qual seria a vocação da cidade. No caso, o grupo político que defendia a posição de uma cidade turística e vitrine do estado teve a vantagem e a partir daí começou-se o desenvolvimento para o interior da ilha (COSTA, 2004).

Com a pavimentação de rodovias para o interior da ilha e para fora dela, assim como o aumento vertiginoso do número de automóveis e o plano diretor de 1952, o lazer noturno no centro, que já era considerado precário e atrasado, começou a entrar em decadência em detrimento de praias, bares e restaurantes espalhados pela ilha e continente, em especial o norte da ilha. Desde então, diversos edifícios nos quais os bares se localizavam foram demolidos e o número de bares no centro de Florianópolis foi diminuindo (COSTA, 2004). A partir do desenvolvimento rodoviarista, o encontro nos cafés e confeitarias foram sendo substituídos pelos passeios de carro e ida aos bares localizados fora da região central. Não só a forma de locomoção e interação com a cidade que passava por mudanças, as formas de relações interpessoais também passavam por mudanças, a seresta foi gradualmente sendo substituída pela paquera e o ritmo que as coisas se davam era mais acelerado. (COSTA, 2004)

Durante o pós-guerra, a cultura americana que, intimamente ligada ao capitalismo, se espalhava por todo o mundo ocidental e Florianópolis não foi exceção, assim como a cultura rodoviarista, o conceito de lazer e tempo livre

ganham outros significados. A ociosidade, de moralmente reprovável passa a se tornar um “tempo destinado ao consumo e a produção” através da ótica capitalista. Essa mudança na capital ocorre principalmente entre os anos 1960 e 1970, onde ocorre uma “crise” no lazer da capital. Uma cidade que tinha a sua população crescendo vertiginosamente com uma parcela considerável advinda de cidades consideradas mais desenvolvidas como São Paulo e Rio de Janeiro, assim como jovens vindos de outras cidades do estado para frequentar a recém estabelecida Universidade Federal de Santa Catarina encontrava uma cidade carente de locais de lazer, especialmente o lazer noturno (COSTA, 2004). Incomodado com a falta de locais para beber e dançar, e os que haviam eram clubes que possuíam rígidas normas morais, Beto Stodieck, junto com colegas, criam em 1960 o clube Paineiras, que, apesar de ainda ser voltado à elite, não possuía mais as regras moralizantes dos clubes tradicionais da capital, permitindo homens e mulheres solteiras a frequentarem seus bailes, assim como possuía um “dress code” flexibilizado. Posteriormente, os clubes tradicionais se sentiram forçados a flexibilizar as suas regras de convivência (COSTA, 2004).

Beto Stodieck, além de fundador do clube Paineiras, escrevia uma coluna no tradicional jornal O Estado, e em 1976 escreveu:

Na falta de onde se divertir, os desesperados e ouriçados florianopolitanos estão improvisando boates, das mais privêes (mesmo assim freqüentadíssimas), em suas casas, onde predominam altas fitas provenientes das boates do eixo Rio-São Paulo, os New York City e Hippopotamus da vida. Aliás, a falta do que fazer nas noites ilhoas (cada vez mais ilhadas) é papo de tudo quanto é roda. E todos são unânimes em concordar que Florianópolis está passando por uma de suas piores fases noturnas. Inclusive, há coisa de 20, 25 anos, por exemplo, a noite na ilha era considerada, levando-se em conta as proporções da cidade (então com uns 50 à 80 mil habitantes), excelente, onde pontificavam boates tais como a do Califa (Antônio Boabaid), Plaza e Sabino's. Hoje, com 250 mil

peças vivendo no seu perímetro urbano, Florianópolis vê-se reduzida à minguada Capelinha... Uma pobreza, convenhamos – principalmente se levar em consideração que o florianopolitano é louco por um reboiço

STODIECK, Beto (1976).

Na coluna de Beto, podemos notar uma nova realidade para o lazer noturno de Florianópolis. Apesar da crítica pela falta de espaços, o local, as atividades e as tecnologias envolvidas se mostram agora bem diferentes do que era anteriormente. Agora, quanto mais jogos de luzes e caixas de som potentes, mais atrativo era para os jovens (COSTA, 2004). Ainda, nesse período, entre o final dos anos 1960 e os anos 1980, nota-se uma mudança considerável no local do lazer noturno, anteriormente, as serestas e o movimento boêmio tinham apreço à natureza, ao ar livre, apesar das limitações morais e legais da época, agora, com o avanço tecnológico o foco maior se torna o ambiente interno, as novas tecnologias e ao consumo. (COSTA, 2004).

Com a pavimentação da Avenida Beira Mar Norte, começa a ter uma concentração de boates e bares na região, assim como os break-burgers (hoje em dia conhecidos como food trucks) que paravam em estacionamentos e os jovens socializavam em volta dos mesmos. Esses novos locais de encontros eram principalmente destinados às elites e à classe média que já conquistava um espaço com a industrialização do país. Já os divertimentos populares como o Miramar, no Centro, eram destruídos (COSTA, 2004). Nota-se aqui uma repetição de ações por parte da elite e do estado em permitir e socialmente aceitar modos de lazer elitizado e perseguir, estigmatizar, fechar e destruir o lazer voltado às classes populares. Essa tendência se reflete na atual localização dos polos de atividade noturna em Florianópolis, como serão apresentados a seguir, e nas propostas para o centro da cidade.





capítulo III:
passando na
revista

os polos atuais de lazer noturno de florianópolis

Os bairros que atualmente concentram a maior parte das atividades noturnas na região metropolitana se mostram relativamente dispersos e conservam algumas características distintas, especialmente no tocante a quem frequenta determinado local. De acordo com pesquisas realizadas em buscadores na internet, assim como a vivência do autor na grande Florianópolis, destacam-se alguns setores de bairros e ruas que possuem uma maior concentração de destinos noturnos, como bares, restaurantes, teatros, casas de festas e até mesmo equipamentos urbanos como praças e calçadões que são ocupados pela população no período noturno. A seguir, segue um compilado com as principais regiões da grande Florianópolis que contam com uma concentração de lazer noturno consideráveis:



Grande Florianópolis. Fonte: Google Earth

Na Grande Florianópolis encontram-se dois bairros que se destacam por suas atividades no período noturno: o Bairro Kobrasol, localizado na cidade de São José, e o Bairro da Pedra Branca, no município de Palhoça. Curiosamente, tanto o Kobrasol quanto o Pedra Branca foram bairros planejados, sendo o primeiro da década de 1970 e o segundo do início dos anos 2000. Ambos também planejados com diversificação de uso do solo como principal diretriz. Hoje configurados como centralidades das suas respectivas cidades, suas cenas noturnas têm maior vocação para restaurantes, mas também contam com a presença de bares e casas noturnas, mesmo que em menor proporção se comparado ao centro de Florianópolis. Nesses espaços vale destacar a presença também do espaço público na cena noturna: no caso do Kobrasol há a Avenida Lédio João Martins (central do Kobrasol), espaço que conta com um calçadão central no qual a população costuma passear, praticar esportes ou mesmo se deslocar entre os diversos comércios noturnos da área, já no Pedra Branca, há o Passeio Pedra Branca, uma praça central do bairro e que conta com moradias, escritórios e comércios diurnos e noturnos em volta, mas com perfil socioeconômico claramente elitizado.

Por ser de ocupação mais antiga e estar mais centralizado na região metropolitana, o perfil de frequentadores do bairro no Kobrasol é caracterizado por pessoas de renda média e média-alta, sendo muitos deles os moradores do próprio bairro. Outra presença marcante na paisagem noturna do bairro jofense são de moradores de rua, o qual tiveram seu número aumentado devido à crise social e econômica causada pela pandemia da COVID-19. A dinâmica do uso noturno do bairro utiliza os ambientes privados, havendo pouca ocupação da área pública para além do calçadão da Av. Lédio João Martins e a Beira-mar de São José. No caso deste último espaço, há concentração de pessoas em especial para a prática de esportes. No entanto, ao contrário da Beira-mar Norte, que também é muito utilizada pela prática de esportes, a Beira-mar de São José é geograficamente mais afastada dos demais locais de estar do bairro que a sua vizinha florianopolitana. Vale aqui uma observação, ainda que ambos os bairros possuem espaços públicos utilizados em certa medida pela população, fica evidente, especialmente conforme a noite vai avançando, que ainda são subutilizados, seja pela falta de atividades ao seu redor, seja pela insegurança que traz justamente por não ter mais usuários no local. O Kobrasol possui pontos comerciais especialmente voltados para as classes médias e altas, limitando de forma indireta a presença de um público maior devido aos seus preços mais elevados e a ausência de qualquer estabelecimento que atenda as

classes mais populares.

Já a área central do Bairro Pedra Branca, na Palhoça, conhecida como Passeio Pedra Branca vem se destacando como um importante polo noturno da região, com presença de diversos bares e, principalmente, restaurantes. Sendo o bairro mais elitizado da cidade, destinado às classes de renda média-alta e alta, classes tidas como foco desde a concepção do bairro, descartando qualquer habitação de cunho social no empreendimento privado e segregando comunidades vizinhas.



Bar O Bohemio localizado na Avenida Lédio João Martins (Fonte: Facebook/Boteco O Bohemio)



Liffey Pub Pedra Branca (Fonte: passeiopedrabranca.com.br)



Na cidade de Florianópolis, foi possível identificar a existência de oito localidades que possuem atualmente atividades noturnas capazes de serem consideradas como polos de usos noturnos. São elas: Coqueiros, Centro (objeto deste trabalho), Santa Mônica, entorno da UFSC, Lagoa da Conceição, Jurerê Internacional, Canasvieiras e Ingleses.

O bairro de Coqueiros, localizado na região continental de Florianópolis, tem a sua via principal como maior agregador de restaurantes de bares da região, inclusive tendo sido considerada como Via Gastronômica pela Lei Municipal nº 7228/06. Assim como no bairro Kobrasol, a ocupação noturna no bairro se restringe aos espaços privados dos estabelecimentos. No bairro Santa Mônica, foi possível identificar uma maior ocupação da rua em comparação aos bairros analisados anteriormente. Sua proximidade com duas grandes universidades faz com que a maior parte da população que frequenta o local seja de estudantes universitários. Porém, assim como os outros polos analisados previamente, o comércio e serviços oferecidos no local são destinados às classes mais abastadas, ainda que a ocupação na rua seja maior. Aqui também vale destacar as vias nos arredores da UFSC que, em período letivo, possui um grande fluxo de pessoas circulando pelo local, seja frequentando os bares e restaurantes, seja trabalhando ou estudando. Neste caso, o comércio já oferece maior número de opções menos custosas, tornando-os mais acessíveis à população. Destaca-se também a ocupação grande do espaço público — ainda que deficiente e sem segurança — no entorno dos bares.



Bunker 22, na Carvoeira (Fonte: bunker22.com.br)

A centralidade noturna do bairro do Jurerê Internacional se mostra a de caráter mais elitista dos polos identificados. Não por acaso, essa centralidade está localizada em um bairro planejado por uma empresa privada nos anos 1970 e que tem seu público-alvo nas classes de renda mais alta. Ali se concentram muitos comércios noturnos, desde bares, restaurantes e casas noturnas destinadas à elite e que possuem sua utilização majoritariamente restrita ao espaço privado, com exceção do Jurerê Open Shopping, no qual o estar das pessoas se limita ao próprio passeio em que está localizado.



Jurerê Open Shopping (Fonte: Turismo SA)

Duas outras centralidades noturnas também localizadas no Norte da Ilha e com características muito semelhantes uma à outra, os bairros de Canasvieiras e Ingleses possuem em suas vias principais um grande fluxo de pessoas que transitam e ocupam o espaço durante à noite. Essa ocupação é potencializada durante a temporada de verão, enquanto que fora dessa temporada, o comércio e os serviços diminuem a sua oferta consideravelmente. Portanto, mesmo com o viés turístico, ambos os bairros, e especialmente o de Ingleses, servem não só aos turistas como também aos moradores permanentes do Norte da Ilha e que possuem em sua ampla composição de classes de renda média e média-baixa. Ainda, por causa da mobilidade precária durante a noite e dos bairros serem afastados dos demais da cidade, o potencial de ocupação noturna de caráter mais inclusivo é limitado e a maior parte dos usuários são turistas e moradores locais. Vale destacar a construção recente do Parque Linear dos Ingleses João Manoel Gomes, localizado nas margens da Rodovia SC-403, próximo ao conhecido “centrinho dos Ingleses”. Ali, a partir da inauguração, foi possível notar uma grande utilização do espaço pelas pessoas, notadamente no período de fim de tarde e início de noite, se apropriando de todos os mobiliários postos ali pela Prefeitura, se tornando um bom exemplo de praça bem localizada e com bons atrativos para se frequentá-la, tornando assim ocupada pela comunidade local.



Choperia Zinga, nos Ingleses (Fonte: Restaurant Guru/Choperia Zinga)

O bairro da Lagoa da Conceição pode ser considerado, talvez, o que mais se assemelha à cena noturna do Centro-Leste de Florianópolis, objeto deste trabalho. Este bairro possui uma grande gama de comércio e serviços voltados ao lazer concentrados principalmente na área do “Centrinho da Lagoa” e da Avenida das Rendeiras. A ocupação noturna ocorre durante o ano todo, mas no verão se potencializa devido à alta temporada. Ali é possível notar uma grande apropriação do espaço público de forma mais democrática especialmente por pessoas mais jovens, incluindo muitos pontos nos quais são promovidas manifestações culturais. Apesar do bairro ser considerado de classe média-alta, sua posição central em relação à Ilha de Santa Catarina aliada à paisagem natural e com grande carga histórica e cultural faz com que a diversidade neste bairro seja maior que aquela encontra nos outros polos mencionados anteriormente.



Layback Food Park na Lagoa da Conceição (Fonte: Felipe Carneiro / Diário Catarinense)

O último polo identificado é o Centro-Leste, o antigo bairro da Pedreira, e área de estudo deste trabalho a ser detalhado a seguir.



capítulo IV:
analizando
pista



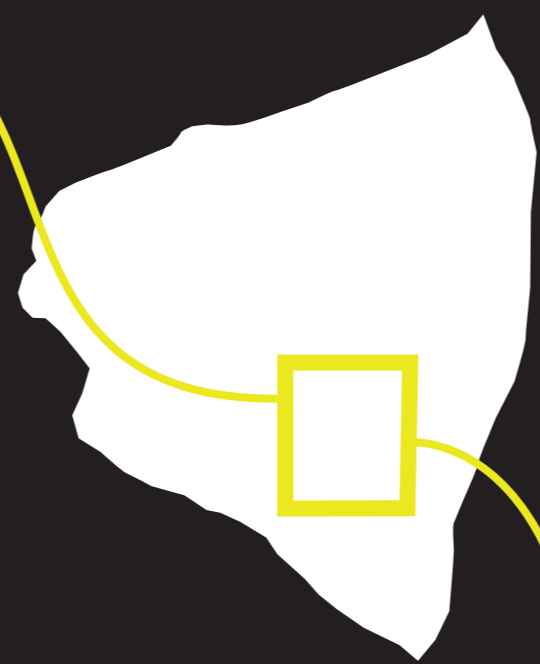
o estado de santa catarina



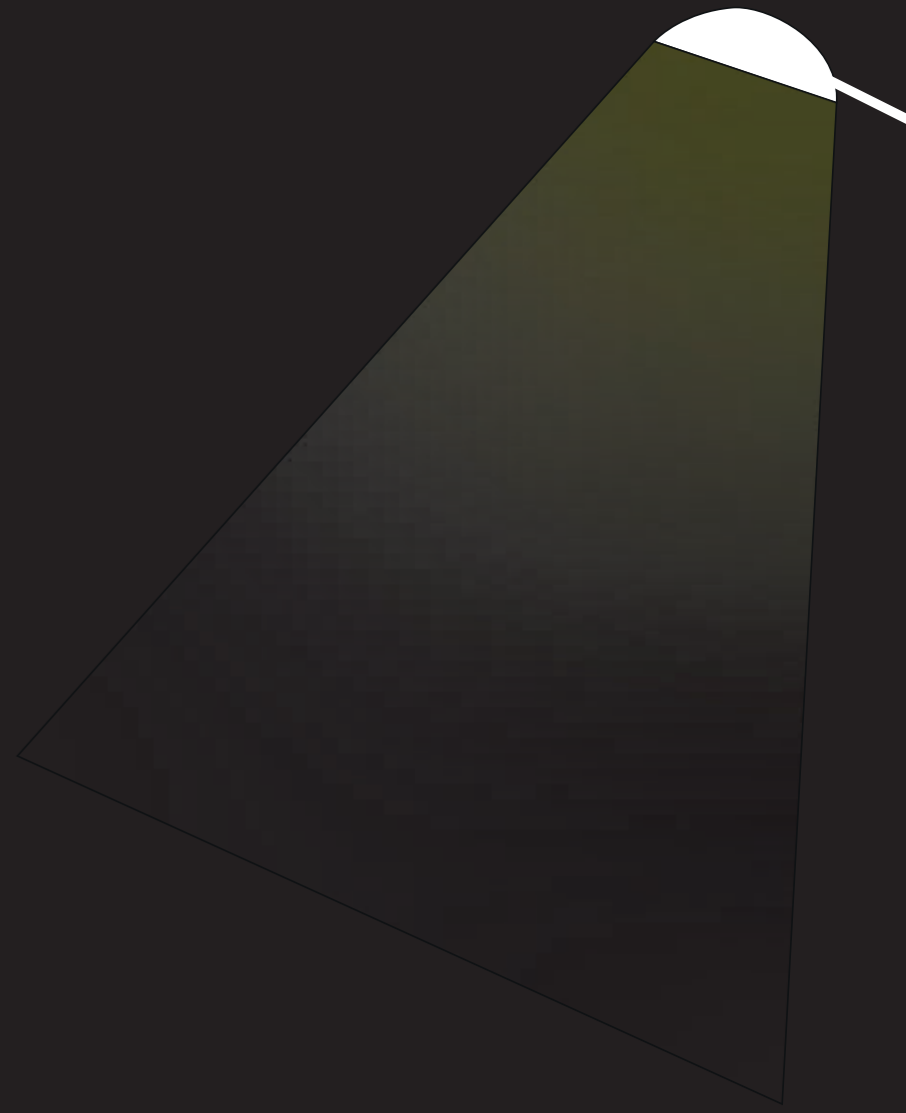
a cidade de florianópolis

o centro-leste
(antigo bairro da pedreira)

o centro da cidade



o centro-leste



o histórico do local

O Centro-Leste, conhecido anteriormente como bairro da Pedreira, faz parte do núcleo fundador da Vila de Nossa Senhora do Desterro, atualmente Florianópolis. Até a metade do século XIX, a localidade da Pedreira era onde a maior parte das habitações e comércio se concentravam na vila. Ali estavam localizados os sobrados das camadas mais abastadas assim como os cortiços e casebres das populações mais carentes (SUGAI, 2009). Essa concentração se deve à localização de fontes de água e despejos de esgoto (Rio da Bulha) e de importantes edificações no entorno, como a Praça XV, a igreja Matriz, o quartel, o forte e hospitais (VEIGA, 1990).

A partir da segunda metade do século XIX, as camadas mais influentes migraram da área a leste da Praça XV para as quadras da área oeste da mesma praça a fim de se distanciar das camadas mais pobres e de doenças causadas pela poluição do córrego Fonte Grande, no Rio da Bulha, assim como se aproximar do porto, mercado, estaleiro e sede de exportadoras (SUGAI, 2009). Esse processo de segregação se acentuou ainda mais no início do século XX com a construção da ponte Hercílio Luz (VEIGA, 1990).

Mudanças significativas na área voltaram a acontecer com o início do século XX. Já com a noção de que o descarte de esgoto e dejetos de forma incorreta e a poluição do Rio da Bulha eram os responsáveis pelos constantes surtos de varíola, cólera e outras doenças, começou então na capital a implantação da canalização da rede de água e esgoto. Um dos momentos mais significativos viria em 1918 quando o Rio da Bulha foi canalizado e em sua margem foi inaugurada a Avenida Hercílio Luz em 1922. Para a construção e consolidação da Avenida, foram demolidos diversos cortiços e casebres, acompanhando as políticas higienistas que ocorriam nas maiores cidades do país como a reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro na mesma época e causando a expulsão das camadas mais pobres da região (SUGAI, 2009 e VEIGA, 1990). Esse processo abriu espaço para a especulação imobiliária com o início da ocupação da área pela classe média na região e ao longo da avenida com sobrados mistos, em que a residência ficava acima do comércio, e já adquirindo um caráter comercial que existe até hoje (VEIGA, 1990). Inclusive, um

desses sobrados encontrava-se a sede do Clube Doze de Agosto no Calçadão da João Pinto. Inaugurado em 1872, o Clube se tornou uma das principais referências para o lazer da elite em Florianópolis junto com o Lira Tennis Clube, este último localizado na parte ocidental do Centro. Em 1957, em um processo de ampliação do clube, Aderbal Ramos da Silva, influente político do estado doou o terreno localizado na Avenida Hercílio Luz ao clube onde o prédio com características modernistas foi construído e inaugurado em 1964, tornando-se sua principal sede. (CLUBE DOZE, Sem Data)



Obra de Canalização do Rio da Bulha, em 1922. (Acervo: Casa da Memória)



Salão principal do Clube Doze (Fonte: Acervo do clube)

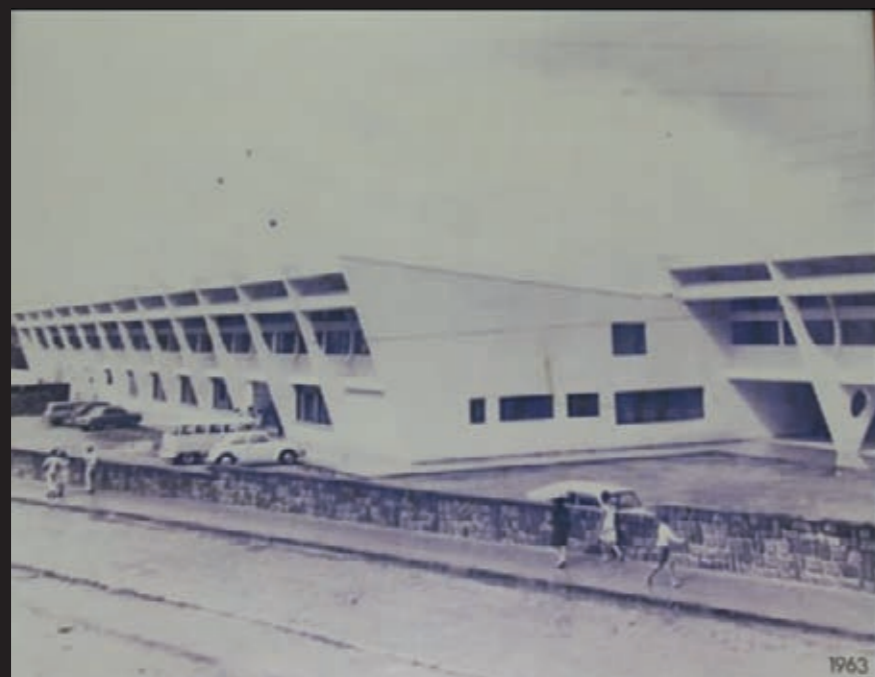
Entretanto, nos anos seguintes a área viveu um período de relativa estagnação, ocorrendo somente algumas intervenções do Estado com a implantação de edifícios institucionais, como o antigo Colégio Normal (1922) e a Escola Politécnica (1921-1923), entre outros, mas que não chegaram a alterar a conformação urbana do local (VEIGA, 1990). Novas mudanças significativas na região só voltariam a acontecer no final da década de 1940 com a remodelação de fachadas de diversas edificações para se conformar com a arquitetura em voga na época (art-déco) e a finalização da construção do primeiro aterro na Baía Sul (TEIXEIRA, 2009).

Na década de 1950 foi elaborado o primeiro Plano Diretor do município, motivado principalmente para garantir fundos federais para o desenvolvimento local. Este primeiro plano teve grande inspiração na Carta de Atenas no tocante ao zoneamento de usos (PEREIRA, 2010). O plano, apesar de não ter sido completamente implantado, priorizou a infraestrutura rodoviária, que estimulou a consolidação da região norte da península central, assim como a urbanização das chácaras que se encontravam entre a Baía Norte e o centro fundacional, na Baía Sul. Este último, segundo Peluzo Júnior (1991), “passou a ser dotada de edifícios de oito andares e mais, conforme os gabaritos aprovados pela Prefeitura Municipal”, causando uma intensa modificação modernizante no Centro com novas tipologias. Para isso, a configuração fundiária neocolonial histórica do local também passou por modificações, com o remembramento de lotes sendo promovido justamente para comportar esses edifícios mais altos e que ampliaram a gama de usos mistos na área. Este processo contínuo veio a se consolidar nos anos 1970 (TEIXEIRA, 2009), no entanto, também não conseguiu romper drasticamente com o tecido urbano e o parcelamento do solo da cidade tradicional, em especial na área mais antiga do centro, voltado para a Baía Sul.

Nos anos 1960 ocorre o início da transferência dos edifícios públicos, que se localizavam na Praça XV desde a fundação da vila do Desterro, e foram instalados na Praça Tancredo Neves, em uma forma de criação de um centro cívico com características modernistas conforme vinha ocorrendo em capitais de diversos estados brasileiros e previsto no plano diretor de 1952 (CHIBIAQUI; NÓR, 2020). Outro edifício marcante na paisagem do Centro-Leste construído na década de 1960 foi o Instituto Estadual de Educação em 1962, localizado no antigo Campo de Manejo do Exército. Já no final da década seguinte, preocupados



em garantir recursos federais para uma conexão sólida com o resto do estado, foi criado o Plano de Desenvolvimento da Área Metropolitana de Florianópolis, que viria a provocar novas mudanças da cidade.



Instituto Estadual de Educação, em 1963 (Fonte: iee.sed.sc.gov.br)

Nos anos 1970, o país encontrou um grande boom nos investimentos públicos e privados, porém, pela falta de indústrias na cidade e de uma boa conexão de Florianópolis com o resto do estado - até de seus municípios vizinhos - a capital só poderia contar com o setor público para grandes investimentos (TEIXEIRA, 2009). Então, o governo catarinense, apoiado pelas elites locais, fizeram um esforço para criar um plano que integrasse Florianópolis com seus municípios vizinhos a fim de se tornar uma região metropolitana para conseguir angariar recursos federais alocados aos Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs). Essa ideia de integração foi o que engatilhou a criação do Plano Diretor de 1976, plano de caráter tecnocrático e alinhado com a ideologia desenvolvimentista dos PNDs do governo federal. Foi nessa década também que o bairro do Centro passou pela maior mudança em seu espaço morfológico a partir da construção e expansão dos aterros da Baía Sul e Norte para a criação de um sistema viário que conectasse o interior da ilha e o continente pela ponte recém inaugurada, Ponte Colombo Salles. Essa reforma viária permitiu a expansão urbana mais densa para o interior da ilha e principalmente para o continente.

Tanto o Plano Diretor de 1952 como o de 1976 tiveram

grande influência do capital imobiliário, o que permitiu mudanças muito significativas na ocupação do centro da cidade, até então com características reminiscentes de épocas anteriores (CHIBIAQUI; NÓR, 2020). Permitiu-se um grande adensamento intraurbano na região central, modificando o espaço físico a fim de aumentar a oferta de edifícios residenciais para as classes de rendas mais altas, assim como também edifícios comerciais e de escritórios. Boa parte desse crescimento desenfreado de edifícios permitiu o aparecimento de edifícios públicos, como o edifício da Secretaria Estadual de Educação em 1972 e o Terminal Urbano Cidade de Florianópolis (TECIF) em 1988. Em conjunto com a construção de edifícios privados no Centro-Leste, foram demolidos sobrados do início do século, provocando perdas de exemplares do patrimônio histórico edificado local. Esse “bota abaixo” só veio a ter alguma atenção pública e controle a partir do Decreto Municipal 270/86, que tombou diversos conjuntos históricos no Centro e criou Áreas de Preservação Cultural em diversas partes do bairro. Destaca-se que todo o Centro-Leste foi abrangido por essa lei justamente por sua relevância enquanto registro da memória e da cultura da cidade.

Já o plano seguinte, Plano Diretor de 1997, se mostrou mais como uma atualização do Plano Diretor de 1976, mas ao contrário dos anteriores, esse fora o primeiro Plano a contar com a participação (mesmo que parcial) da sociedade civil e, graças a ela, foi possível impor alguns limites construtivos mais rígidos na região central de Florianópolis, contrariando os grupos econômicos mais influentes da capital. Na mesma medida que a transformação da paisagem do Centro-Leste foi assegurada pelas novas restrições do Decreto 270/86 e Plano Diretor de 1997, o capital imobiliário começa a focar os seus investimentos em outras áreas da ilha (CHIBIAQUI; NÓR, 2020). Talvez possamos identificar neste momento o início do declínio e esvaziamento do Centro-Leste, algo que se acentuou ainda mais com a inauguração em 2003 do Terminal de Integração do Centro (TICEN) localizado à oeste da Praça XV e desviando a maior parte das linhas de ônibus que até então tinham o TECIF como o seu destino final. A mudança modificou fortemente a dinâmica do Centro e terminou por esvaziar o Centro-Leste das pessoas que o utilizavam como destino final ou até mesmo como ponto de passagem. Diversos comércios que existiam no local foram fechando e edificações terminaram em estado de abandono.

O plano diretor vigente, de 2014, permite que na região

possam ser construídos edifícios de até 10 pavimentos e índice de aproveitamento de 4,8. O que pode ser considerado uma ameaça à paisagem urbana local acaba esbarrando em algumas limitações, a primeira delas estando justamente no Plano Diretor. A taxa de ocupação de 50%, combinada com a configuração fundiária da região em pequenos lotes, dificulta a verticalização da área. A segunda limitação é o delineamento da APC, que abrange toda a região, fazendo com que todas as propostas de edificações estejam sujeitas à aprovação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Municipal (SEPHAN) que, apoiado no fato de constar ali uma APC e contar com diversos edifícios tombados pelo Decreto 270/86, impediria qualquer edificação que rompa com a configuração paisagística da região, principalmente na questão de gabarito. Ainda, de acordo com o Plano Diretor, qualquer projeto de edificação vizinho a uma edificação tombada deve se sujeitar a manter volumetria similar ao imóvel tombado. Considerando justamente a relevâncias histórica do local cabe destacar também os projetos recentes de restauração de edificações tombadas.

projetos recentes de restauração de edificações tombadas

museu de florianópolis (casa de câmara e cadeia)

Em 2018, foi concluída a restauração da Casa de Câmara e Cadeia, localizada em frente a Praça XV de Novembro, que posteriormente viria a se tornar o Museu Cidade de Florianópolis com o gerenciamento do Serviço Social do Comércio de Santa Catarina (SESC-SC). O edifício foi inaugurado em 1780 e durante sua existência serviu como cadeia e posteriormente como câmara municipal (IPHAN, 2018). O prédio encontrava-se sem utilização desde 2005, ano que a câmara municipal deixou de ter o edifício como sede (IPUF, Sem Data).

casa da alfândega

O edifício que antigamente era localizado às margens da Baía Sul e agora ocupa o Largo da Alfândega foi construído em 1886 e lá funcionou como um escritório alfandegário até 1964, ano que ocorreu o fechamento do porto de Florianópolis (FCC, 2018) e a eventual construção do aterro da Baía Sul na década de 1960 (SANTOS, 1997). Desde 1982, a Casa abriga o escritório catarinense do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, IPHAN-SC, primeiro como escritório técnico e em 1990 também com a superintendência (GOV.BR, 2022). Desde 1988 abriga também a Galeria do Artesanato (FCC, 2018). Tanto o próprio edifício como o Largo que encontra-se à sua frente sofreram processos de restauração mais recentes e finalizados em 2022 e 2020 respectivamente.

museu victor meirelles

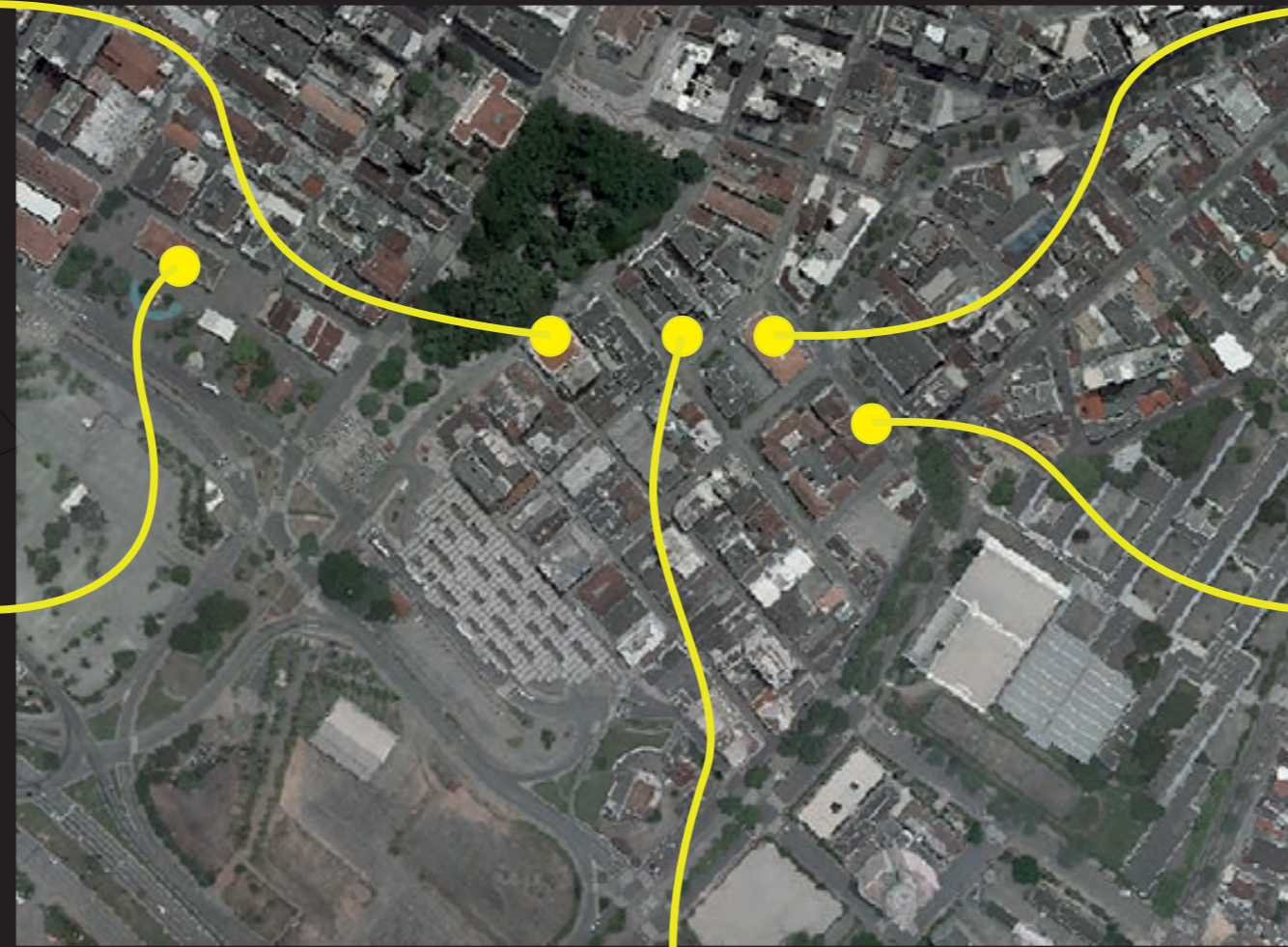
A atual sede do Museu Victor Meirelles, localizado na Rua Victor Meirelles, era a antiga casa que o pintor morou durante sua vida em Florianópolis no século XIX. Em 1952, o sobrado se tornou um museu em homenagem à arte de seu antigo morador. Sua última restauração foi concluída em 2018 (IPHAN, 2019).

museu da escola catarinense

O edifício localizado na Rua Saldanha Marinho, inaugurado em 1926, serviu inicialmente para abrigar a Escola Normal Catharinense que futuramente se tornaria o Instituto Estadual de Educação, com sede no que era o então Campo de Manejo do Exército entre as Avenidas Mauro Ramos e Hercílio Luz, a partir de 1964. No mesmo ano, o edifício da Saldanha Marinho se tornaria sede da primeira Faculdade de Educação do Brasil e embrião da então futura Universidade do Estado de Santa Catarina. A instituição funcionou no local até 2007, logo após a transferência da faculdade, a UDESC transformou o edifício no atual Museu da Escola Catarinense.

casa josé boiteux

A Casa José Boiteux, localizada na Avenida Hercílio Luz, construída na década de 1920, foi sede do Instituto Polytechnico, onde funcionou até a sua extinção. Em 1935 o edifício abrigou a Casa de Comércio, que funcionou no local até a década de 1990. Em 2010, a Casa sofreu obras de restauração em toda a sua estrutura e o governo do estado concedeu ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e à Academia Catarinense de Letras, ambas fundadas por José Boiteux, a utilização do prédio (FLORIPAMANHÃ, 2010). A casa José Boiteux junto com o prédio do MESC foram duas das grandes obras realizadas na região para a “modernização” da área à leste da Praça XV de Novembro, que junto com a canalização do Rio da Bulha e outras medidas, acabaram por higienizar a área (FCC, 2013).



Fonte: Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF)



Casa de Câmara e Cadeia. Fonte: De Olho na Ilha



Casa da Alfândega. Fonte: De Olho na Ilha



Museu Victor Meirelles. Fonte: IPHAN.



Museu da Escola Catarinense. Fonte: Univ. do Estado de Santa Catarina.



Casa José Boiteux. Fonte: Academia Catarinense de Letras



projetos contemporâneos do poder público para o centro-leste

Como já mencionado, depois da transferência das principais linhas de ônibus da capital para o TICEN em 2003, o Centro-Leste se encontrou em um contínuo declínio na sua utilização devido à baixa drástica no número de pessoas que transitavam por lá. Diversos comércios fecharam ou se mudaram para outras regiões do centro, como o Setor Oeste ou para áreas próximas da Baía Norte, da mesma forma que havia ocorrido no início do século XX. Dos comércios e serviços que sobraram na região destacam-se os sebos e lojas de antiguidade, assim como um cursinho pré-vestibular.

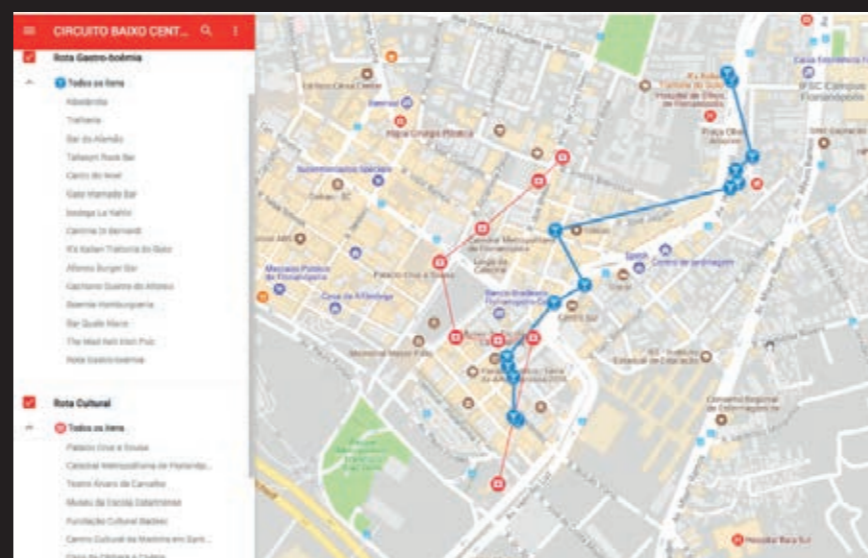
A partir de 2013, a Prefeitura de Florianópolis começou a implantar o projeto Viva a Cidade, no qual era realizada uma feira de artesanato junto com manifestações culturais e artísticas nas ruas da área aos sábados. O projeto teve relativo sucesso, visto que aumentou o trânsito de pessoas em um dia em que o Centro-Leste era considerado “morto”. Porém, o seu sucesso se continha somente ao seu dia e horário de funcionamento, sábados das 9h às 16hs, e se não chovesse. O projeto com suas limitações não tinha o poder de modificar a região de forma estrutural ou permanente. Foi então que, com o mercado de tecnologia na cidade aquecido devido ao Projeto Sapiens e a promoção das tecnópolis (RIZZO), a área foi identificada como um potencial local de ocupação de startups. Assim, em conjunto com a Prefeitura Municipal, UDESC e UFSC, entre outros parceiros, foi lançado o projeto Centro Sapiens. (FLORIPAMANHÃ, 2019)

O Centro Sapiens, depois renomeado para Distrito 48, possui inspirações em projetos internacionais, como o 22@ de Barcelona.

O Distrito 48 possui limites claros que ocupam todo o centro-leste avançando um pouco mais para o norte e o oeste, como visto no mapa seguinte. Utilizando-se da premissa de incentivar a economia criativa na região, a área serviria como uma incubadora de startups e dotada de rotas cultural, gastro-boêmias, retrô e de arte urbana (CENTRO SAPIENS, 2020).



Perímetro do projeto Centro Sapiens/Distrito 48 (Fonte: Centro Sapiens)



Rotas Cultural e Gastronômicas (Fonte: Centro Sapiens)

Majoritariamente, trata-se de um plano para “revitalizar” a região, através da atração de setores da economia criativa. Nesse sentido, em 2020, a Câmara Municipal aprovou a Lei 686/2020 que “autoriza a concessão de incentivos fiscais às empresas de economia criativa enquadradas como startup ou empresas de inovação instaladas no perímetro alvo do programa de desenvolvimento econômico-tecnológico

territorial Centro Sapiens” (Lei Municipal 686/20). A lei permite isenção total de Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) e 50% do Imposto Sobre Serviços (ISS) nos três primeiros anos de operação das empresas e serviços da economia criativa, pesquisa, desenvolvimento e inovação e tecnológica. A lei possui bons mecanismos de incentivos para a atração de empresas consideradas o foco do projeto, assim como intervenções culturais e artísticas. No entanto, falha em proporcionar qualquer incentivo aos serviços e comércios já instalados no local, dando uma grande desvantagem para eles ao estimular a competição pelo local e incentivando ainda mais uma possível expulsão desses usos do espaço. Além dos próprios incentivos fiscais, ocorreu a ocupação de parte do Museu da Escola Catarinense (MESCC) para um programa de incubação de startups, assim como o pátio da Escola Antonieta de Barros, localizada em edifício de relevância patrimonial e que se encontra atualmente desativada.

Com a premissa de instalar startups de tecnologia, uma indústria multibilionária, a ocupação de pessoas com maior poder aquisitivo na área seria inevitável, podendo causar assim a sua gentrificação com a expulsão de grupos mais vulneráveis. Diego Ramos, então membro da Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE) cita alguns exemplos de ações mitigadoras para esse fenômeno como a adoção do “coliving”, um “novo” modelo de moradia na qual os moradores compartilham as áreas comuns das habitações; a redução dos impostos para esse modelo de moradia na região; e a implantação de internet gratuita nos espaços públicos dentro do perímetro para estimular a permanência das pessoas na área (FLORIPAMANHÃ, 2020). Embora interessante, essas ações seriam pouco eficazes para evitar o processo de gentrificação, visto que não contemplaria qualquer morador e comerciante já instalados no local. Além disso, o fato das moradias serem adaptadas para “coliving” não impediria que a especulação imobiliária atingisse a região e tornasse os preços das propriedades e dos aluguéis mais proibitivos do que já se encontram para aqueles grupos de renda mais baixa.

capítulo V:

tomando uns
shots

análise urbanística

A análise urbanística realizada ao longo deste trabalho engloba não somente o setor leste, mas também uma visão do entorno imediato da Praça XV de forma a considerar os trajetos que usualmente existente no período noturno nesta área do centro de Florianópolis, podendo assim reconhecer a importância do caminho até o TICEN e os usos no entorno da Praça.

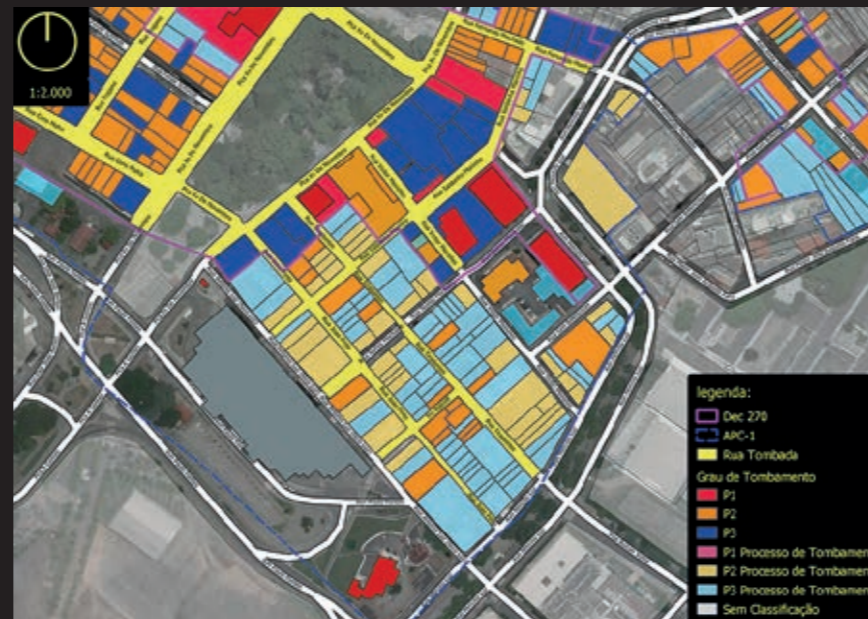
mapa de zoneamento



Zoneamento de acordo com o Plano Diretor de 2014 para o Centro-Leste (Fonte: Geoprocessamento da Pref. de Florianópolis)

A região do Centro-Leste é atribuída quase que completamente a zona Área Mista Comercial - 12.5 (AMC-12.5). Esta zona permite edifícios de até 10 pavimentos, com Índice de Aproveitamento de 4,8 e taxa de ocupação equivalente a 50% do terreno. A princípio esses coeficientes permitiriam um forte adensamento, sendo possível descaracterizar por completo a paisagem urbana atual. No entanto, toda a área está inserida na Área de Preservação Cultural - APC, o que traz maiores restrições, principalmente no tocante a volumetria das novas edificações a fim de acompanhar o patrimônio edificado existente. Talvez o que seria o fator que torne praticamente inviável a verticalização da área é o fato de haver muitas edificações tombadas ou em processo de tombamento na área, como poderá ser visto no mapa a seguir. Outras zonas presentes na região seriam a Área Comunitária/Institucional, referindo-se aos edifícios pertencentes ao poder público.

mapa de tombamento



Fonte: Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município / Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

No mapa de tombamento podemos ver os resquícios do assentamento fundacional de Desterro através do tempo. Os classificados como P1 são aqueles de grande relevância para a história e devem ser preservados em sua totalidade (Lei Municipal 482/2014), como a Casa de Câmara e Cadeia, o edifício do atual Museu da Escola Catarinense, a antiga moradia de Victor Meirelles, entre outros.

Os edifícios classificados como P2 são aqueles que devem ter sua aparência externa, assim como sua volumetria preservada (Lei Municipal 482/2014). Aqui podemos citar como exemplos a agência dos Correios, o Ministério da Economia e a Kibelândia. Há ainda as edificações que estão em processo de tombamento com a sua classificação já pré determinada, ainda que o processo não esteja finalizado. Essas edificações gozam do mesmo grau de proteção que as já tombadas de acordo com a sua classificação até que seus processos sejam encerrados.

Os lotes cujas suas edificações estejam classificadas como P3 possuem nível menor de preservação perante ao poder público. Segundo o artigo 151 do Plano Diretor de 2014:

Novas construções ou readequações das construções existentes inseridas na categoria P3 deverão observar o seguinte:

I - harmonização com a arquitetura do conjunto formado pelas edificações próximas, respeitando as

características volumétricas e compositivas;
II - implantação de conformidade com as características do alinhamento frontal e afastamentos laterais predominantes no conjunto;
III - implantação adequada à valorização da edificação protegida, garantindo a apreciação do monumento preservado, sendo que, com vistas à sua adequada inserção;
IV - estabelecimento de limite de volume para não exceder a altura máxima das edificações das categorias P1, P2 e P4 mais próximas;
V - emprego de materiais de cobertura iguais aos do conjunto das edificações protegidas próximas, admitindo-se, excepcionalmente, adequações em conformidade com o inciso I e o § 2º deste artigo; e
VI - limitação da altura e aspecto dos muros de vedação de conformidade com as características do conjunto de edificações, sem impedimento ou redução da visibilidade dos bens preservados.

§ 1º O IPUF através do SEPHAN fará a avaliação de cada caso, estabelecendo normas de implantação e exigindo, eventualmente, estudos de volumetria, elevações ou outros detalhamentos.

§ 2º O IPUF através do SEPHAN, excepcionalmente, para melhor inserção no conjunto tombado poderá aprovar soluções diferenciadas para coberturas, alinhamentos frontais, laterais e volumetria, desde que endossadas pela Comissão Técnica do Serviço do Patrimônio Histórico e Patrimonial (COTESPHAN).

Artigo 151, Lei 482/2014 - Lei do Plano Diretor de Florianópolis

Logo, as regras aplicadas para o Centro-Leste em relação ao patrimônio histórico se sobrepõem ao zoneamento da região, permitindo que tanto as edificações tombadas como a paisagem urbana na região não sofram mais alterações. Há também na região trechos de ruas considerados tombados, devido ao fato de ainda serem as pedras originais do primeiro calçamento da região, isso impediria que houvesse troca desse calçamento para outro tipo.

mapa ciclovitário



No Mapa da rede Ciclovitária do Centro de Florianópolis se apresenta como uma dimensão considerável, principalmente se for levado em consideração a malha no município como um todo, entretanto, há muitas desconexões na malha, em especial na área do Centro-Leste, que possui a ciclovía da Avenida Hercílio Luz, mas que ela não conecta há nenhuma outra, deixando o ciclista sem o suporte necessário para que possa se deslocar daquela região para o resto da cidade e vice-versa com segurança.

Pode-se constatar também a ausência de uma ciclovía/ciclofaixa que percorresse de forma latitudinal a parte sul do Centro, que poderia ligar a Avenida Mauro Ramos à Ponte Hercílio Luz, passando pela Avenida Hercílio Luz, Mercado Público e TICEN.

mapa de linhas de ônibus



No mapa de linhas de ônibus há algumas considerações a serem feitas: as linhas apontadas no mapa como "Norte" refere-se a linhas que atendem as regiões do norte da ilha, Lagoa da Conceição e Baía do Itacorubi que tem o seu caminho de ida pela Avenida Beira-mar Norte. As linhas do sentido "Sul" são as que atendem primordialmente o Sul da Ilha e a Baía do Itacorubi e que tem como seu caminho de ida o Túnel Antonieta de Barros ou a Rua Silva Jardim que perpassa pelo bairro de José Mendes. Por fim, a linha indicada como "Continente" são as municipais e intermunicipais que atendem as regiões continental e metropolitana de Florianópolis. As demarcações levam em conta apenas as linhas convencionais, desconsiderando as executivas. Somam-se 16 linhas municipais com destino o Continente, sendo duas de "madrugadão", 9 linhas que atendem ao maciço do Morro da Cruz, 9 linhas em direção a Baía do Rio Itacorubi incluindo 2 linhas "madrugadões", 11 linhas em direção ao sul da ilha com duas linhas "madrugadões" e por fim 3 linhas com destino a Lagoa da Conceição, sendo mais um "madrugadão".

Observa-se que as linhas que seguem para o interior da ilha pela Av. Beira-mar Norte se concentram nos eixos da própria Av. Beira-mar Norte e a Av. Mauro Ramos, das poucas linhas que fogem desse padrão são: a linha Canasvieiras via Gama d'Éça que atende a rua homônima e Av. Rio Branco e as linhas Madrugadões Leste, Norte e Centro-UFSC nas quais seguem pela Av. Hercílio Luz, atendendo o público noturno da região (ainda que forma limitada pelos poucos horários)

As linhas com destino ao continente e sul dá ilha percorrem áreas muito limitadas do centro da cidade, se atendo somente a porção sul da península central na qual há uma grande concentração de "vazios" urbanos e áreas de pouca circulação de pessoas.



mapa de usos diurnos no térreo



Mapa realizado através de coleta de informações *in loco* em fevereiro de 2022. Fonte: o mapa base: PMF

No mapa de usos diurnos nota-se uma grande diferença no contraste de usos entre o setor leste e oeste da Praça XV de Novembro, sendo o setor oeste quase exclusivamente ocupado por comércios e serviços, em sua grande maioria funcionando somente em horário comercial.

Já no setor leste podemos constatar uma maior diversidade de usos, inclusive de pontos que abrem somente no horário noturno. No entanto, apesar do setor leste ser mais diverso em termos de usos das edificações, percebe-se uma quantidade considerável de imóveis desocupados e/ou abandonados, edifícios comerciais inteiros sem qualquer tipo de uso e lotes que tiveram as suas construções demolidas. Ainda, há a presença de alguns lotes que servem como estacionamento, mas que possuem potencial construtivo de acordo com o plano diretor.

Outro ponto a ser notado é a presença de diversos edifícios utilizados pelo poder público, seja da esfera municipal, como o Pró-Cidadão; na esfera estadual como a Secretaria de Educação; e na esfera federal, com o Ministério do Trabalho e o da Economia.

Há também a presença do TECIF na área, que já fora o terminal mais importante da região metropolitana de Florianópolis. Como já mencionado, hoje esse título pertence ao TICEN, localizado a oeste da Praça XV de novembro. Atualmente o TECIF recebe somente linhas municipais e intermunicipais do serviço de transporte coletivo executivo. É ali também que empresas de transporte de ônibus por aplicativo e turismo utilizam como ponto de parada no centro de Florianópolis.



Imagens capturadas em 19/02/2022, um sábado. Fonte: Acervo Pessoal.

As imagens acima foram capturadas por volta das 17:00 de um sábado, a primeira imagem registra a Rua Jerônimo Coelho. Nota-se o comércio já fechado e a maior parte das pessoas indo em direção ao TICEN, provavelmente voltando para casa depois de trabalhar no comércio da área.

A segunda imagem foi registrada no vão central do Mercado Público de Florianópolis, onde havia uma apresentação de uma banda e uma concentração considerável de pessoas. Por mais que a origem do Mercado Público seja popular, hoje em dia ele se volta para o consumo de turistas e classes médias e altas devido aos preços elevados dos produtos oferecidos.

Vale mencionar aqui que constatou-se que ambos os pontos registrados eram os que haviam maior concentração de pessoas nesse horário do lado oeste da Praça XV de Novembro, enquanto outras ruas — como a Felipe Schmidt — encontravam-se praticamente desertas.



Imagens capturadas em 19/02/2022, um sábado. Fonte: Acervo Pessoal.

Já no Centro-Leste, onde as imagens acima foram capturadas por volta das 16:00 de um sábado registram um movimento diferente. A primeira imagem mostra o Bar Canto do Noel em dia de samba e feijoada e na outra imagem foi tirada na Avenida Hercílio Luz na altura do MESC.

Nota-se em ambas as imagens a ocupação do espaço público por mesas de bares e os frequentadores aproveitando a tarde de sábado. Ao contrário do Mercado Público, o Canto do Noel e especialmente os bares abertos na Av. Hercílio Luz possuem preços mais acessíveis para as camadas mais populares, além disso, ambos ocupam um local de passagem podendo atrair ainda mais pessoas, ao passo que elas acabam transitando pela área.

mapa de usos noturnos no térreo



Mapa realizado através de coleta de informações *in loco* em fevereiro de 2022. Fonte o mapa base: PMF

No mapa de usos noturnos pode-se notar uma grande diferença entre os setores a leste e à oeste da Praça XV de Novembro. Há uma concentração considerável no setor leste enquanto que no setor oeste há somente o mercado público, farmácia e um café localizado no Largo da Alfândega. Há também no setor leste uma diversificação de uso, com bares, casas noturnas, restaurantes, instituições de ensino que funcionam também durante à noite. Com essa variedade de usos, pode-se concluir que a área possui certa consolidação da ocupação noturna, especialmente nas ruas Tiradentes e Victor Meirelles e Avenida Hercílio Luz. Vale aqui uma observação que a expansão noturna atualmente no Centro-Leste encontra-se acelerada a ponto de este mapa necessitar de constantes atualizações durante a elaboração deste trabalho.

Ainda que a área possua uma grande diversidade de usos durante a noite, a presença de edifícios ociosos, sendo eles desocupados ou abandonados, assim como os terrenos baldios ficam bem evidentes no mapa, sugerindo que o Centro-Leste tem um grande potencial inexplorado, podendo esses edifícios trazer mais usos, inclusive de cunho social e assistencial.



Imagens capturadas em 18/02/2022, uma sexta-feira. Fonte: Acervo Pessoal.

As imagens acima foram capturadas por volta das 21:00 de uma sexta-feira, a primeira imagem registra o Mercado Público com as mesas postas, porém com pouquíssimas pessoas frequentando o local. Parte deste esvaziamento se deve, provavelmente, ao fato de ser um horário próximo ao fechamento dos bares do Mercado, às 22:00. Na segunda imagem se vê a Rua Felipe Schmidt praticamente deserta com somente algumas pessoas de passagem pelo local.

Vale notar que tanto o Mercado Público como a Felipe Schmidt são locais densamente frequentados em horários comerciais diurnos, com vendedores, ambulantes e pedestres andando para todas as direções.



Imagens capturadas em 18/02/2022, uma sexta-feira. Fonte: Acervo Pessoal.

Já no Centro-Leste, onde as imagens acima foram capturadas por volta das 23:00 da mesma sexta-feira das fotos anteriores. Na primeira imagem se vê a Rua Victor Meirelles próxima a esquina com a Av. Hercílio Luz completamente tomada por pessoas, além delas muitas outras encontram-se dentro dos bares da região. Na outra imagem vemos a Rua Tiradentes na altura da Travessa Ratcliff também tomada de frequentadores, a grande maioria utilizando a rua como local de estar e de reunião.

As cenas de aglomerações de pessoas se repete em outras partes do Centro-Leste, como em pontos da Av. Hercílio Luz e o Calçadão João Pinto.



mapa de residências



No mapa de residências se nota uma concentração moderada de residências permanentes e alguns locais de passagens temporários, como o Hostel Inbox e o albergue Notuno Manoel Galdino Vieira, assim como os hotéis 2S e Oscar. Vale destacar também a presença do albergue municipal de Florianópolis, que apesar de não estar inserido na área observada no mapa, encontra-se muito próximo da mesma.

No polígono compreendido pela Avenida Hercílio Luz, Rua Fernando Machado, Praça XV de Novembro e TECIF possuem um total de cinco condomínios residenciais de grande porte, são eles: Ed. Bahia, Meridional e Eugênio Beirão (localizados próximos à Praça XV de Novembro) e os edifícios Topázio e Dona Negra que se encontram na Rua Tiradentes. Os dois últimos residenciais, ao contrário dos primeiros, são os mais próximos das atuais zonas de ocupação noturna. Esse fator, por muitas vezes, traz conflitos entre os frequentadores do local e os moradores.

Ao norte do mapa acima, há uma densidade maior de residenciais de grande porte, entretanto, a maior parte deles não se encontram diretamente ligados as zonas de ocupação noturna, mas que por ventura, seus moradores podem ouvir os ruídos da região.

Nos arredores do Centro-Leste, especialmente em direção norte seguindo a Avenida Hercílio Luz, há uma grande concentração de condomínios residenciais de grande porte. Logo, apesar da área do Centro-Leste, antigo bairro da Pedreira, não conter muitas residências, seu arredor possui um número considerável delas voltadas para as classes média e média-alta.



Fonte: Google Maps

1 O Albergue Notuno Manoel Galdino Vieira está em seu atual prédio desde 1937, atua no atendimento da população de rua principalmente como abrigo para pernoite e alimentação.



Fonte: Google Maps

2 O Edifício Dona Negra é o residencial mais centralizado do Centro-Leste. Se destaca na paisagem por estar rodeado de outras edificações bem menores que ele.



Fonte: Google Maps

3 O Inbox é considerado um dos últimos empreendimentos de caráter residencial, no caso transitório, a se instalar no Centro-Leste



Fonte: Google Maps

4 O Edifício topázio é o maior empreendimento residencial da região e encontra-se envolto de diversos bares e casas noturnas, causando, por vezes, conflito entre os frequentadores do Centro-Leste e os moradores do residencial.

mapa de mobiliário e equipamentos urbanos



No mapa de mobiliário e equipamentos urbanos, nota-se que os bancos para descanso e contemplação estão localizados nas áreas arborizadas da Praça XV de Novembro e passeio central da Avenida Hercílio Luz. Há também os bancos do TECIF para espera dos ônibus. Os bancos móveis apresentados no mapa representam as mesas e bancos que os bares da região distribuem ao longo do espaço público para que os frequentadores tenham algum lugar de estar enquanto consomem seus produtos. A iniciativa, com anuência da prefeitura, permite que os pontos da região que não possuem tráfego de veículos possam ser ocupados por mesas e cadeiras. A presença dessas mobílias móveis contribuem fortemente para o aumento da ocupação do local, já que promovem pequenas “ilhas” de reunião entre as pessoas. Mas, como observado em áreas que não possuem tal mobília, a ocupação noturna no espaço público não depende delas. Ainda assim, é possível concluir que um eventual aumento na quantidade de mesas disponíveis podem estimular ainda mais a ocupação, visto que frequentemente as mesas encontram-se todas ocupadas.

A distribuição de lixeiras é relativamente boa considerando o uso diurno do local, entretanto, torna-se deveras insuficiente para o uso noturno, sendo frequente a acumulação de lixo próximo aos próprios pontos de lixo ou rente as fachadas das edificações.

Com relação aos pontos de ônibus, a localidade não possui muitos, mas possui o TECIF como eventual principal parada noturna e que, hoje em dia, encontra-se sem uso no período da noite.

Há três banheiros públicos na região, dois no TECIF que atende somente aos funcionários do transporte público e um localizado na Praça Fernando Machado, sendo este pago e com funcionamento somente no período diurno.



Imagens capturadas em 18/02/2022, uma sexta-feira. Fonte: Acervo Pessoal.

O mobiliário móvel, em especial mesas e cadeiras, tem ganhado espaço no passeio central da Avenida Hercílio Luz (primeira imagem) e em outros pontos como à frente da Kibelândia (segunda imagem). Esses mobiliários contribuem para a criação de um espaço de estar na área pública e isso incentiva ainda mais as pessoas a irem a esses locais, e com mais pessoas indo, maior serão as pessoas que tem um desejo de conhecer, causando assim um ciclo virtuoso de incentivo a ocupação da cidade no período noturno, em consequência, há o aumento das opções de lazer e maior segurança.



Imagens capturadas em 18/02/2022, uma sexta-feira. Fonte: Acervo Pessoal.

Na primeira imagem vemos que o contêiner de lixo localizado na esquina da Rua Victor Meirelles com a Avenida Hercílio Luz é muito inferior ao necessário para a demanda do local, sendo assim há um grande acúmulo de objetos descartados no chão. Mesmo que esse lixo esteja próximo há uma lixeira, as chances de uma chuva ou um animal carregar esses resíduos a algum local que possa trazer prejuízo para a cidade e o meio ambiente é grande.

Na segunda imagem podemos ver a Rua Antônio Luz completamente deserta, demonstrando que ali seria mais uma zona “morta” no centro no período noturno, mas que há grande potencial, por contar com a cobertura do TECIF (que já é usada pela Batalha da Alfândega) e há também na imagem, a presença de dois banheiros que atualmente são reservados aos funcionários do transporte coletivo que tem como ponto de partida o TECIF.





capítulo VI:

conversando no
fumódromo

mapa de ocupação noturna

kibelândia e bugio bar

A Kibelândia, junto com o Canto do Noel, consistem nos dois bares mais antigos da região ainda em funcionamento. Junto com o novato Bugio Bar, formam a mancha de ocupação nesta área, que possui mesas e cadeiras, assim como rodas de samba e outros ritmos ao vivo no espaço da rua.

innbox e furdunço

A menor mancha e a que talvez encontra a maior dificuldade de crescimento. Anteriormente, logo após o fim das restrições da pandemia de COVID-19, na recepção do hostel Innbox havia a taqueria Muchacho. Ela possuía um maior público que o atual, porém, com o Bar Furdunço a movimentação de pessoas caiu consideravelmente.

canto do noel e fala marquinho

Esta é a terceira maior aglomeração de pessoas no período noturno, a mancha dos bares Canto do Noel, Gatus Rock Bar, Fala Marquinho, entre outros, localizados na esquina da Rua Tiradentes com a Travessa Ratcliff. A aglomeração ganhou força depois da pandemia de COVID-19 e a abertura do Fala Marquinho. Devido às ruas estreitas e bares com pouca área interna, os frequentadores utilizam a própria rua, ocupando por completo a travessa e calçada e leito carroçável da Tiradentes na altura dos bares, provocando uma disputa por espaço entre os poucos carros que desafiam passar pelo local.

bro cave

O Bar Bro Cave é, no momento, a mancha formada mais recente. Ao passo que as outras estão em processo de expansão, a mancha da Brocave surgiu de forma independente, ainda que se utilize do público que frequenta todo o Centro-Leste. Encontra-se no Calçadão João Pinto, logradouro que anteriormente se encontrava completamente esvaziado no período noturno.

O mapa de manchas de ocupação urbana noturna do Centro-Leste nos mostra uma distribuição consideravelmente espalhada, tendo dois dos três principais pontos total ou parcialmente ligados a Avenida Hercílio Luz. Vale destacar que grande parte da população que frequenta o local não se atém somente a um bar ou mancha, podendo se deslocar para uma ou mais manchas. Sendo assim, as ruas que fazem essa ligação também encontram um grande fluxo de pedestres em direção a outro bar ou mesmo casa de festa.

la kahlo, rio's bar e dona jovem

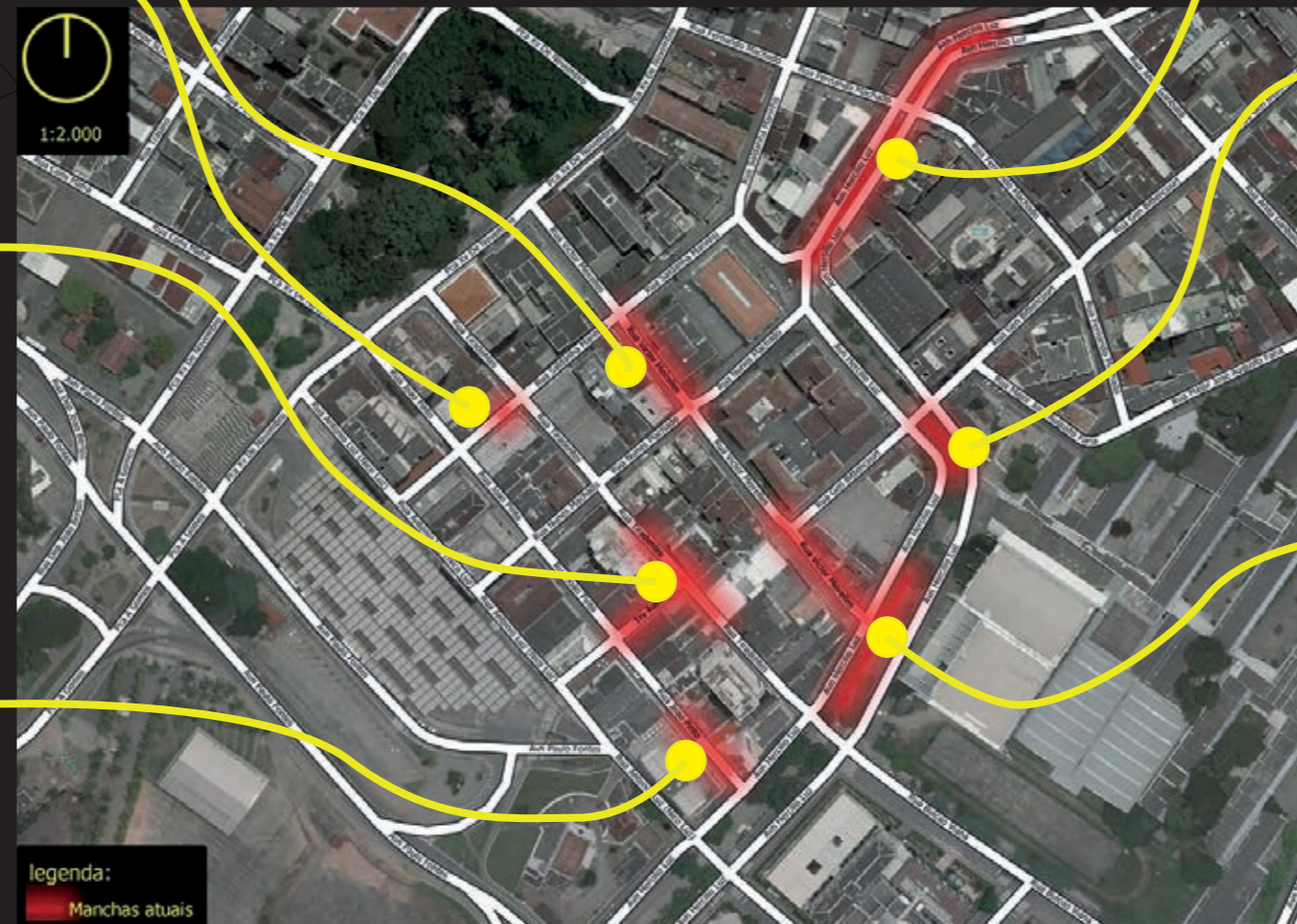
Local onde as pessoas vão para socializar em determinados grupos e não possuem muito interesse em interagir com outras para além do seu próprio grupo. Pode-se talvez notar a presença de um público mais "maduro" nessa região. Ali há a presença do bar Espaço Manifesto Cultural que conta com um espaço interno maior no qual acontecem apresentações de canto de gêneros como MPB e Bossa Nova.

mercadinho, haôma e selva

Neste trecho da Avenida Hercílio Luz, a concentração de pessoas na rua é menor que em outros trechos, no entanto há um grande fluxo de pessoas transitando pela região justamente pelo fato de ter o único mercado da região. Ali há também os bares Haôma e Selva que possuem espaços de estar internos com mesas e bancos e em seus andares superiores pequenas pistas de dança. Ambos possuem um fluxo considerável de clientes. Vale destacar que o Selva não permite que seus consumidores saiam do estabelecimento e retornem posteriormente.

madalena, janelinha, lar doce bar e no class

A maior mancha de aglomeração de pessoas se encontra na Rua Victor Meirelles, se estendendo da esquina com a Rua General Bittencourt até a Avenida Hercílio Luz e se espalhando um pouco por essa última. É aqui onde o movimento de ocupação da rua no período noturno do Centro-Leste ganhou tração para se tornar o que é hoje. É o local que ocorre a maior diversidade de público. Não há somente consumidores dos bares locais, mas muitos trazem caixas de som e compram bebidas de outros locais e levam para ali e formam rodas entre os amigos.



Furdunço bar

Canto do Noel

Bro Cave bar

Passeio Central da Av. Hercílio Luz

Passeio Central da Av. Hercílio Luz

Madalena

Kibelândia



Imagens capturadas em 18/02/2022, uma sexta-feira. Fonte: Acervo Pessoal.



a ocupação noturna do centro-leste de florianópolis

A seção a seguir é baseada em experiências e observações feitas pelo próprio autor deste trabalho, com algumas inserções referenciadas para dar apoio ao texto. Faz parte da metodologia de análise da área e informa as diretrizes que se seguirão.

A ocupação noturna do Centro-Leste ocorreu de forma gradual e sem qualquer incentivo público, talvez o ponto que pode ser considerado o pontapé inicial para uma ocupação mais expressiva do local seria a inauguração do bar No Class em 2017 (NSC, 2019). Vale lembrar que antes dessa data já haviam bares consagrados na região como a Kibelândia, o Canto do Noel e outros bares na Travessa Ratcliff. Porém, esses estabelecimentos tinham uma gama de frequentadores considerados de nicho, o que não os promoveram como catalisadores da atual ocupação noturna.

Com a atração do público mais jovem ao Centro-leste, o No Class logo foi precedido por diversos outros bares na Rua Victor Meirelles, como o Madalena Bar, o Janelinha, o Sirene e o Lar Doce Bar. Com a expansão rápida, fomentada pelos próprios jovens que iam para o centro justamente para frequentar esses bares, a ocupação da via pública começou a ser frequente, tornando-se natural o fechamento informal da Rua Tiradentes nesse trecho devido ao grande número de pessoas que permanecem no local.



Imagem da Rua General Bittencourt, aos fundos se vê o Ministério do Trabalho e o No Class ao lado. Fonte: Acervo Pessoal.

Atualmente, é possível encontrar uma densa variedade de comércio noturno e intensa ocupação de pessoas, tanto nas áreas internas dos espaços como em diversas ruas da região, tendo focos de concentração o canteiro central da Avenida Hercílio Luz assim como as ruas Tiradentes e Victor Meirelles, chegando a ter seu trânsito interrompido pela aglomeração de pessoas em pontos dessas duas últimas ruas. É importante destacar a diversidade dos frequentadores, que são de todas as classes sociais, gêneros, orientações sexuais, e etnias. Boa parte dessa diversidade se deve também à variedade de tipos de bares e conveniências que conseguem cobrir toda essa população.



Imagem da Rua Victor Meirelles, ao lado direito está os bares Janelinha, Sirene, Madalena e Lar Doce Bar, no lado esquerdo está o Ateliê 389. Fonte: Acervo Pessoal.

Nas quintas-feiras, no Largo da Alfândega ocorre a Batalha da Alfândega, consistida em batalhas de Rap, que reúne uma porção da população mais jovem e de classes de renda mais baixas, moradores da periferia. Quando chove, o evento ocorre embaixo da cobertura da primeira plataforma do Terminal Cidade de Florianópolis (TECIF). O grupo se reúne desde 2009, quando ainda se chamava Batalha do Mercado e, com o crescimento do movimento, em 2014 migrou para o Largo da Alfândega, vindo daí o seu nome atual e desde quando mudou de espaço o evento encontrou problemas com a polícia. Ainda em 2014, o então vereador da capital e professor da UFSC Lino Peres chegou a mediar um acordo com a polícia e os organizadores do evento para que ele ocorresse normalmente. Em 2017, o grupo começou novamente a ser impedido pela Guarda Municipal (GMF)

pela alegação que o evento não teria autorização para acontecer. Segundo um dos organizadores, a então chefe da GMF, Maryanne Mattos, exigiu muitos documentos que não seriam possíveis de conseguir no prazo dado. Peres afirma que por ser considerado uma roda que não possui equipamentos, palcos, vendas de ingresso e alimentos não configura uma atividade passível de requerimento de realização (NSC, 2017).

Ainda que a Batalha da Alfândega enfrentasse algumas dificuldades, especialmente por parte da GMF, em 2022 o evento continua ocorrendo todas as quintas-feiras no Largo da Alfândega (e no TECIF quando chove), o que não pode se dizer a mesma coisa sobre o Batalha das Minas. A Batalha das Minas surgiu, em 2016, como uma ramificação da Batalha da Alfândega direcionada às mulheres depois de um episódio que se utilizaram rimas machistas (ARAÚJO, 2019). Assim como a Batalha da Alfândega enfrentou diversos casos de intervenção policial, a Batalha das Minas não poderia ser diferente, casos de violência policial e desrespeito aos direitos humanos e à constituição foram sistematicamente perpetrados pela polícia - algo sempre presente na história por território na cidade. Não foram encontrados registros de que a Batalha das Minas continuasse ocorrendo depois do início da quarentena provocada pela pandemia da COVID-19 no Brasil em 2020.



Batalha da Alfândega ocorrendo embaixo da cobertura do TECIF devido ao tempo instável no dia. Fonte: Acervo Pessoal.

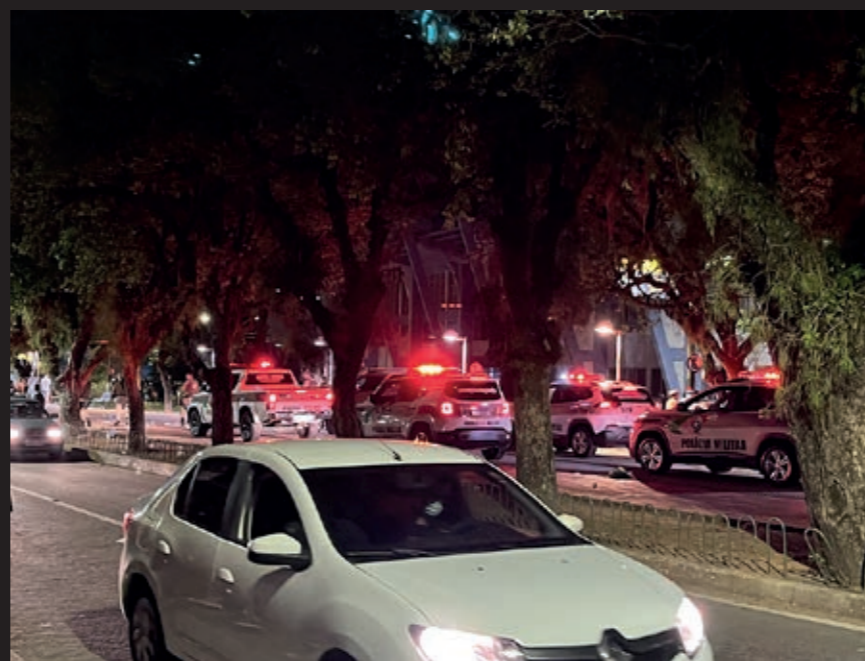
É notável no local que o maior provocador de violência e disrupção da ordem vem por parte da corporação que deveria ser responsável por manter as mesmas, a polícia. Diversos relatos e notícias de violência policial na área são publicados, as ocorrências acontecem principalmente durante a madrugada por volta das 2:00 da manhã, quando ocorre o “toque de recolher” em que a polícia faz um “cordão” e passa pelas ruas expulsando qualquer pessoa que ainda se encontra no local. No início dessa nova dinâmica os confrontos eram mais frequentes, pois a polícia atuava de forma mais ostensiva e diversos frequentadores se recusavam a sair do local. Com o passar do tempo e após vários episódios de violência, a população começou a se submeter ao “toque” assim que a polícia começa a passar, indo para suas casas ou para alguma casa noturna.

A polêmica da repressão policial voltou à tona durante o Carnaval de 2022 quando na sexta-feira a polícia ordenou que os bares localizados na Av. Hercílio Luz retirassem as mesas e cadeiras do passeio central da avenida e que os respectivos bares só poderiam vender bebidas se o consumo acontecesse no interior do estabelecimento - o que seria impraticável, visto que muitos deles tem espaço interno pequeno. Este fato causou uma concentração maior em torno da Rua Victor Meirelles e Tiradentes, onde ocorriam rondas frequentes das viaturas policiais. Antes mesmo do conhecido “toque de recolher” a polícia iniciou a dispersão dos frequentadores com spray de pimenta e bombas de efeito moral, além de fazerem os conhecidos “cordões” e demonstração de força com armamento pesado em punho.

As demonstrações de autoritarismo e violência pela polícia no primeiro dia de carnaval provocaram uma enxurrada de críticas nas redes sociais, acusando tanto a polícia quanto a prefeitura pelas atitudes vistas no dia anterior. Com a repercussão, inclusive pela mídia local com o colunista Renato Igor durante o Jornal do Almoço (NSC, 2022) acusando os dois órgãos de “hipócritas e demagogos”, tanto a Prefeitura quanto a polícia divulgaram notas contraditórias sobre o fato, pondo em dúvida de onde teria saído a ordem de fechamento dos bares da região. O Prefeito Gean Loureiro então propôs uma reunião em seu gabinete com moradores, frequentadores, donos de bares e a polícia. Na noite do sábado de Carnaval, a força policial se fez presente tanto quanto no dia anterior, porém estava mais cautelosa e só viria a passar o “cordão” no horário habitual.



Polícia fazendo a ronda com as sirenes ligadas alertando a população que se retire do local. Fonte: Acervo pessoal.



Policiais Militares avançando com os veículos em cima do passeio central da Avenida Hercílio Luz. Em frente às viaturas encontram-se diversos policiais formando o “cordão” com armas em punho ordenando as pessoas a se retirarem do local. Fonte: Acervo pessoal

Aqui vale ressaltar que o Carnaval de 2022 de rua havia sido cancelado pela Prefeitura alegando o aumento de casos da variante Ômicron da COVID-19. Logo, parte da justificativa da repressão era justamente evitar aglomerações durante a pandemia. O que seria coerente com a situação se não fosse a permissão da ocorrência de festas privadas durante todo o carnaval, inclusive festas privadas com milhares de pessoas, além mesmo um evento no passeio do Jurerê Open Shopping, um espaço de acesso público no bairro de Jurerê Internacional, conhecido

como de classe média-alta que teve o mesmo tipo de aglomeração de pessoas mas não houve qualquer tipo de intervenção da polícia. A assimetria nos tratamentos dados no Centro-Leste e no Jurerê evidenciaram a contradição do poder público, assim como, o preconceito - histórico, diga-se de passagem - contra as classes sociais de rendas mais baixas e grupos diversos que ocupavam a respectiva área no centro da cidade, causando uma “privatização do Carnaval” como evidência a colunista Dagmara Spautz no site NSC total em 2022:

“Ao optar por suspender apenas as festas de rua, o poder público faz uma escolha. Penaliza o caráter mais popular e autêntico do Carnaval para não passar por omissos. Mas faz ainda pior: mesmo sem querer, expõe quem manda nas cidades e seus espaços. E não são seus cidadãos.”

SPAUTZ, Dagmara (2022)

Ainda assim, em agosto de 2022, fica claro que o Centro-Leste de Florianópolis é um pólo importante da vida noturna da cidade com grande frequência e diversidade de usuários, comércios e serviços, usos educacionais e de trabalho, além de permitir o uso do espaço público, garantindo vitalidade e urbanidade às ruas da cidade. Esse trabalho, portanto, precisa ter um olhar cuidadoso acerca de suas propostas de forma a não descaracterizar o que existe atualmente na área ou causar a expulsão dos usos já existentes. Pelo contrário, procura-se não interferir no que “já deu certo”, mas valorizar o Centro-Leste e melhorar o espaço urbano com intervenções de pequena escala e que podem atingir grande efeito para os usos noturnos locais.



capítulo VII:

mostrando os
novos passinhos








proposição de diretrizes

Nesta seção serão feitas proposições de diretrizes que fortaleçam o potencial noturno de Florianópolis como um todo e focadas ao Centro-Leste. A divisão das proposições se dará em três eixos: diretrizes de âmbito municipal ou direcionadas ao recorte do Centro-Leste, prazo de implantação e caráter da diretriz.

diretrizes de âmbito municipal

diretriz	justificativa	caráter	processo de implantação	prazo de implantação
Lei de reconhecimento de polos de cultura, turismo e lazer com delimitação das áreas. (ver mapa 1)	Reconhecimento do potencial cultural, turístico e/ou de lazer para que sejam implementadas futuras diretrizes focalizadas nestes locais.	Legislação	Tramitação na Câmara de Vereadores e regulamentação feita através de decreto municipal.	
Instituição do IPTU progressivo na cidade e aplicação de taxas mais elevadas para o Centro e áreas centrais dos bairros, inclusive os polos de cultura, turismo e lazer.	Existem atualmente diversos imóveis e lotes sem qualquer uso localizados no Centro-Leste que poderiam ter diversas finalizações que beneficiariam a sociedade como um todo. Não somente no Centro-Leste, mas como em diversos pontos centrais do município possuem lotes vazios que afetam a qualidade urbana da centralidade e que servem somente para a especulação urbana.	Legislação	Proposição de uma lei complementar na câmara de vereadores para adicionar ao Código Tributário do Município o IPTU Progressivo, podendo utilizar como base o sistema de tributação do IPTU progressivo previsto no Plano Diretor Estratégico de São Paulo, que define a duplicação da alíquota anualmente até atingir 15% do valor venal do imóvel no quinto ano consecutivo sem utilização contados a partir de 1 ano do recebimento da notificação. Em caso de não pagamento, o imóvel poderá ser incorporado ao patrimônio do município quando o imposto devido atingir o valor venal do imóvel. Sua destinação será prioritariamente para habitação social.	
Subsidiar empreendimentos habitacionais sociais com foco em residências transitórias em lotes e edificações inseridos nos polos de cultura, turismo e lazer.	O centro da cidade, assim como as centralidades dos bairros possuem um grande potencial de lazer, ao mesmo tempo que o valor da terra é mais alto em contraste com os lotes periféricos, logo, o objetivo dessa lei é aproximar as classes mais baixas dos seus trabalhos assim como do lazer e da cultura.	Legislação	Possibilidade de anexar a proposta em um pacote junto com outras proposições acerca de habitação social e posteriormente ser regulamentado por decreto.	
Criação de Lei de incentivo à ocupação noturna.	Estimular a instalação de Comércio e serviços que abrangem o horário noturno inseridos nos perímetros dos polos de cultura, turismo e lazer.	Legislação	Tramitação na Câmara de Vereadores e regulamentação feita através de decreto municipal.	
Mudança no sistema de liberação de alvará de funcionamento.	Atualmente o sistema só reconhece dias úteis, sábado e domingo. Com a nova proposta, espera-se separar cada dia útil para que usos noturnos possam ser liberados nas quintas e sextas.	Legislação	Modificar o sistema de solicitação de alvará de funcionamento.	
Ampliação do horário de funcionamento para bares, restaurantes, casas noturnas e afins inseridos no perímetro nos polos de cultura, turismo e lazer.	Potencializar a atração de frequentadores, assim como sua permanência no local e impedir conflitos com as forças de segurança.	Legislação	Alteração no Código de Posturas (Lei nº1224/74) para que os estabelecimentos inseridos nos perímetros dos polos de cultura, turismo e lazer sejam isentos de aplicação do art. 106 e mudança nos textos dos arts. 104 e 107 para que os estabelecimentos comerciais não sofram penalidades relacionadas a ruídos promovidos por caixas de som e ruídos relacionados a voz humana. Liberação do horário de funcionamento já regulamentado pela Lei Complementar 656/19.	



diretriz	justificativa	caráter	processo de implantação	prazo de implantação
<p>Promoção de maior quantidade de eventos culturais como a Maratona Cultural e Feira de Cascaes e Festival Viva a Lagoa.</p>	<p>Os eventos culturais de grande porte que possuem o patrocínio da Prefeitura populariza o lazer e a cultura, assim como promove o turismo, trazendo assim mais investimentos e recursos para a cidade. Promover em todos eles atividades diurnas e noturnas. Destinar a maior parte destes eventos aos polos de cultura, turismo e lazer, tendo como inspiração o Quartier des Spetacles de Montreal.</p>	<p>Legislação</p>	<p>Criar um fundo de investimento para estimular o desenvolvimento de grandes eventos e fazer parcerias com o setor privado para apoio financeiro em troca de publicidade no evento.</p>	
<p>Instituição do IPTU progressivo na cidade e aplicação de taxas mais elevadas para o Centro e áreas centrais dos bairros, inclusive nos polos de cultura, turismo e lazer.</p>	<p>Existem atualmente diversos imóveis e lotes sem qualquer uso localizados no Centro-Leste que poderiam ter diversas finalizações que beneficiariam a sociedade como um todo. Não somente no Centro-Leste, mas como em diversos pontos centrais do município possuem lotes vazios que afetam a qualidade urbana da centralidade e que servem somente para a especulação urbana.</p>	<p>Legislação</p>	<p>Proposição de uma lei complementar na câmara de vereadores para adicionar ao Código Tributário do Município o IPTU Progressivo, podendo utilizar como base o sistema de tributação do IPTU progressivo previsto no Plano Diretor Estratégico de São Paulo, que define a duplicação da alíquota anualmente até atingir 15% do valor venal do imóvel no quinto ano consecutivo sem utilização contados a partir de um ano do recebimento da notificação. Em caso de não pagamento, o imóvel poderá ser incorporado ao patrimônio do município quando o imposto devido atingir o valor venal do imóvel. Sua destinação será prioritariamente para habitação social.</p>	
<p>Incentivar a criação do Conselho da Noite.</p>	<p>Iniciativa que visa trazer maior organização e proximidade entre os donos de bares, restaurantes, casas noturnas, frequentadores e moradores dos polos de cultura, turismo e lazer de Florianópolis aos moldes do Prefeito da Noite de Amsterdam.</p>	<p>Legislação</p>	<p>Realizar oficinas/palestras e divulgá-las para todos que sintam pertencentes a algum dos grupos-alvo e incentiva-los a criar uma organização civil para que possam debater ideias de melhorias para a cena noturna da cidade e encontros periódicos com o poder público para haver troca de informações e reivindicações.</p>	
<p>Padronização de calçadas inseridas no perímetro dos polos de cultura, turismo e lazer de acordo com o Manual Calçada Certa.</p>	<p>Melhorar a mobilidade de cidadãos com dificuldade de locomoção.</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Modificação do texto do artigo 3º do decreto 226/95 na parte que trata sobre a multa a ser aplicada em caso de descumprimento para que o valor a ser arrecadado seja compatível com o valor de padronização a ser feito pela prefeitura.</p>	
<p>Ampliação da rede cicloviária de Florianópolis. (ver mapa 2)</p>	<p>Maior conexão entre os bairros e as linhas já existentes, assim, estimulando o transporte não motorizado.</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Alocação de verbas da prefeitura para a elaboração dos projetos e execução das obras.</p>	
<p>Convocação a concessão à iniciativa privada a exploração do aluguel de bicicletas no modelo de estações inspirado no BikePOA de Porto Alegre. (ver mapa 8)</p>	<p>Melhorar a mobilidade urbana reduzindo o número de carros e estimular a atividade física.</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Abertura de Licitação.</p>	
<p>Substituição das lâmpadas de iluminação pública de vapor de mercúrio para LED.</p>	<p>A lâmpada de LED tem maior capacidade de iluminação trazendo uma gama de cores frias e traz maior economia por necessitar menos energia para funcionar.</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Alocação de verbas da prefeitura para a execução.</p>	



diretriz	justificativa	caráter	processo de implantação	prazo de implantação
Ampliar o Programa de Incentivo ao Transporte Coletivo e Mobilidade.	O transporte coletivo de Florianópolis atualmente opera com tarifa zero nos últimos domingos de cada mês. Para expandir o acesso a cultura e lazer das populações dependentes desse meio de transporte, a tarifa zero poderia ser ampliada gradualmente para todos os domingos do mês e aos sábados a partir das 18:00 e diminuição de 50% na tarifa para quintas e sextas a partir das 20:00 (atualmente esse desconto é de 22,83%).	Legislação	Através da Secretaria de Mobilidade e Planejamento Urbano, executar a implantação dos descontos gradualmente até que se chegue ao objetivo final, para as quintas, sextas e sábados o acesso aos descontos poderá ser feito pela utilização dos cartões municipais sem limite de usos.	●
Implantação de novos horários e alteração nos itinerários das linhas "Madrugadão", tendo seu ponto inicial transferido para o TECIF (ver mapa 3)	Melhoria na mobilidade da população através do transporte público, oferecendo mais horários e itinerários que atendam de forma melhor e mais igualitária o acesso ao lazer, entretenimento e trabalho no período noturno.	Infraestrutura	Realizar estudos de impacto através da Secretaria de Mobilidade e Planejamento Urbano sobre qual seriam os melhores itinerários para cada linha "Madrugadão" e notificar o consórcio responsável pela operação a mudança para efetiva-la.	●

Legenda: ● Longo prazo. > 2 anos ● Médio prazo. de 6 meses a 2 anos ● Curto prazo. < 6 meses

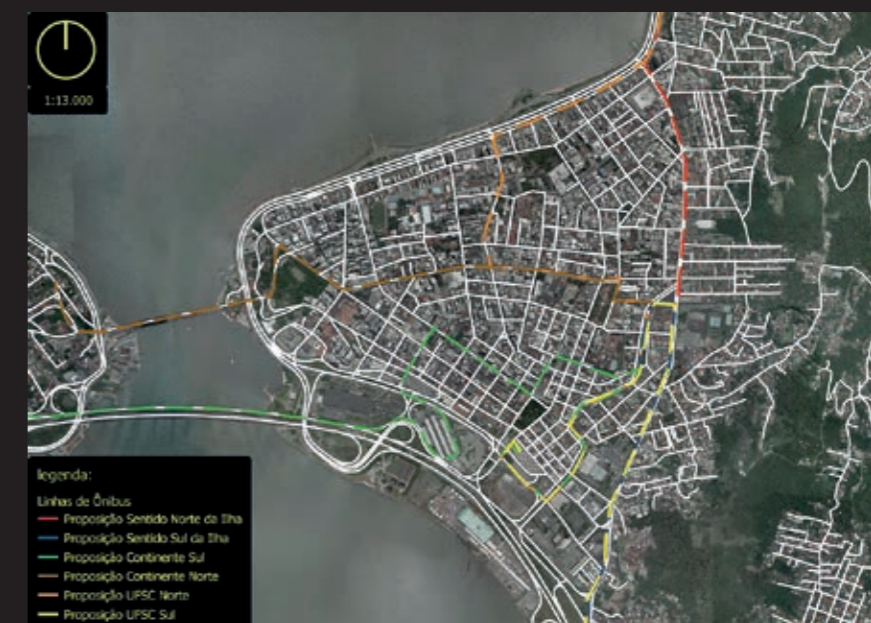
mapa 1: atuais polos noturnos de Florianópolis



mapa 2: proposta de expansão da malha cicloviária no Centro de Florianópolis







mapa 3: proposta de rotas das linhas madrugadões









diretrizes direcionadas ao recorte do centro-leste

Depois das informações levantadas na região central da cidade de Florianópolis e uma análise aprofundada do Centro-Leste, determinou-se o perímetro de ação deste trabalho com os principais pontos considerados sendo as manchas de concentração de pessoas no período noturno, a localização das residências e locais de potenciais fortalecimento e expansão das atividades noturnas no local. (ver mapa 4)

diretriz	justificativa	caráter	processo de implantação	prazo de implantação
Realizar uma parceria com os museus locais para que ofereçam atividades e exposições durante os eventos culturais.	Seria uma articulação com os museus para popularizar e estimular o consumo de arte e cultura, assim como ampliar a gama de opções de lazer para a população.	Legislação	Realização constante de conversas com as administrações dos museus e, caso necessário, oferecer apoio para a realização das atividades desejadas através da Secretaria de Cultura.	
Implantação de moradias sociais pelo modelo de aluguel social	Há uma falta crônica de moradias populares regulares próximos ao centro da cidade. A utilização do modelo de aluguel social permitiria um acesso maior de pessoas à moradia no Centro da cidade, inclusive os trabalhadores noturnos da região. O público-alvo da proposta são os indivíduos de renda média-baixa e baixa, jovens, solteiros em início de carreira por causa do caráter de uso da área. Porém, considerando a alta demanda por habitação social, não exclui-se qualquer indivíduo e/ou família que não se enquadre no público-alvo. Os edifícios alvos dessa diretriz seriam adaptados internamente para conter apartamentos e studios.	Legislação	Tramitar na Câmara de Vereadores um projeto de lei para adquirir imóveis no Centro Leste através do mecanismo do direito de preempção previsto na seção VIII do Estatuto das Cidades, através do segundo item do art. 26 da mesma lei. A mesma estratégia pode ser utilizada para conversão dos edifícios residenciais Topázio, Dona Negra, Eugênio Beirão, Bahia e Meridional para a sua conversão em habitação social.	
Ampliar a rede de acolhimento de pessoas vulneráveis ou em situação de risco.	Por ser um local central da cidade, o Centro-Leste já abriga um albergue municipal e um filantrópico, assim como algumas ONGs como o Instituto Arco-Iris. O Centro-Leste também conta com uma série de edifícios e lotes vazios e/ou abandonados, o que facilitaria a procura e ocupação de um desses locais para a ampliação da rede assistencial municipal. Dois exemplos de edifícios que poderiam ser ocupados com um novo albergue ou um espaço mais para as ONGs assistenciais é o antigo prédio do PROCON na Rua Victor Meirelles e o Edifício João Cascaes, ambos esvaziados atualmente.	Infraestrutura	Entrar em contato com as ONGs e os dois albergues presentes na região e avaliar as necessidades específicas e identificar os melhores locais que os atendam e promover reformas, caso necessário, para que as instalações atendam os programas de necessidades. Buscar recursos com o Estado e a União, assim como possivelmente em bancos de desenvolvimento para elaboração do projeto e realização das reformas.	
Recuperar e dar um uso a estrutura da antiga Escola Estadual Básica Antonieta de Barros.	O edifício, tombado pelo município, possui grande valor histórico e arquitetônico para a cidade, não somente isso, mas por estar em um local centralizado e possuir uma estrutura ampla. A antiga escola poderia abrigar diversos usos diferentes que possam atender a cidade e os moradores e frequentadores da localidade.	Infraestrutura	Realizar conversas com a comunidade local e organizações civis junto com a Universidade do Estado de Santa Catarina, proprietária do edifício, para dar um novo uso para a edificação com um uso que sirva da melhor forma a comunidade.	



diretriz	justificativa	caráter	processo de implantação	prazo de implantação
Criação de uma creche noturna para que atenda as necessidades dos trabalhadores e estudantes noturnos	A inexistência de qualquer instituição pública que atenda os responsáveis e crianças no período noturno provoca uma redução do potencial de mão de obra para o período noturno e a capacidade do responsável pela criança de conseguir ocupar vagas noturnas que poderiam melhorar a qualidade de vida familiar e financeira. o modelo de creche poderia ser inspirado nas creches noturnas paulistanas implantadas pela lei estadual nº174.333/20.	Infraestrutura	Realizar uma pesquisa para dimensionar a demanda e realizar uma parceria com o Estado para poder ceder as instalações da Escola de Aplicação do Instituto Estadual de Educação. Tramitar um projeto de lei na Câmara de Vereadores para estabelecer e regulamentar as creches noturnas.	
Cabeamento de energia e telefonia subterrâneos.	Para além de eliminar a poluição visual causada por grandes postes e fios perpassando por toda a rua, aumentaria o espaço nas calçadas, que, pela configuração histórica, são muito estreitas.	Infraestrutura	Investimento a ser feito em parceria com o Estado e com a CELESC.	
Instalação de câmeras de videomonitoramento.	O aumento de câmeras de videomonitoramento aumenta a sensação de segurança e desestimula o conflito entre as forças de segurança e frequentadores.	Infraestrutura	Parceria da Polícia Militar com a Guarda Municipal para fazer parte da rede de monitoramento.	
Instalação de Iluminação pública voltada ao pedestre as ruas João Pinto, Tiradentes, Victor Meirelles, Saldanha Marinho e Antônio Luz e passeio central da Avenida Hercílio Luz com LEDs de cores quentes	A instalação de lâmpadas em postes mais baixos e iluminação indireta ajuda na iluminação na escala do pedestre, ao mesmo tempo que a luz quente cria um ambiente mais acolhedor	Infraestrutura	Processo que faria parte das substituições das lâmpadas de vapor de mercúrio para as de LED.	
Fechamento de vias para trânsito de veículos (Victor Meirelles, Tiradentes e trecho da Hercílio Luz) entre as 20h até as 6h nas quintas-feiras, sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados. Moradores do edifício Topázio terão a circulação de veículos autorizada no trecho da Rua Tiradentes entre a Avenida Hercílio Luz e a entrada de garagem do prédio. Moradores do edifício Dona Negra poderão acessar a garagem do edifício através da Rua Nunes Machado a partir da Avenida Hercílio Luz e os moradores do edifício Eugênio Beirão poderão acessar a garagem do condomínio através da Rua Tiradentes no trecho entre a entrada da garagem e a Praça XV de Novembro. (ver mapa 7)	Fechamento dessas ruas facilitaria o trânsito e estar dos frequentadores da região que atualmente disputam espaço com o carro. Para além da melhoria do tráfego de pessoas, existiria a possibilidade de colocação de mesas e cadeiras móveis no leito carroçável por parte dos bares e restaurantes da região. (ver mapa 5)	Infraestrutura	Coordenação com a Guarda Municipal e reeducação dos motoristas sobre as novas regras, assim como elaboração de placas de avisos de trânsito interrompido no período determinado.	
Transformar as duas primeiras plataformas do TECIF em uma praça coberta para servir de espaço de estar e lazer, assim como área para apresentações culturais mesmo em dias de clima adverso.	Há poucos espaços no Centro que contam com alguma cobertura. A Batalha da Alfândega já utiliza uma parte da primeira plataforma para realizar os seus encontros quando há presença de chuva. Além disso, a área ao redor do TECIF conta com praças e áreas para descanso mas não possui equipamentos de apoio para manifestações culturais e equipamentos de lazer. Atualmente o TECIF recebe somente linhas de ônibus executivo, por ter menos opções de horários, eles poderiam ser alocados a ocuparem somente as três últimas plataformas, assim como no período noturno as linhas Madrugadão poderiam utilizar as últimas plataformas como ponto de saída.	Infraestrutura	Tratar das mudanças de plataformas dos ônibus com as empresas que os operam. Buscar recursos para viabilizar o projeto e a readaptação das áreas das primeiras plataformas e transforma-las em praça coberta	



diretriz	justificativa	caráter	processo de implantação	prazo de implantação
Implantação de pelo menos mais dois banheiros públicos e recuperação dos outros existentes no TECIF e Praça Fernando Machado. (ver mapa 5)	Os banheiros oferecidos pelos estabelecimentos presentes na região e a inexistência de banheiros públicos que funcionem no horário noturno não atendem a demanda atual. Logo, seria necessários ampliar o acesso a esse equipamento para desestimular o uso da via pública para realização de necessidades fisiológicas.	Mobiliário	Alocar recursos para a Secretaria de Obras realizar os projetos e execução em conjunto com os pontos de paradas de transporte por aplicativo	●
Definir e montar estrutura de apoio para transporte por aplicativo na praça Fernando Machado, Avenida Hercílio Luz (próximo a esquina com a rua Bulcão Viana) e na Rua Anita Garibaldi (esquina com Avenida Hercílio Luz). (ver mapa 8)	Para evitar que passageiros solicitem a viagem em pontos inacessíveis ou com grande concentração de pessoas, assim como realizar os embarques e desembarques em áreas seguras. Para além disso, a definição da localização dos pontos deve ser próximo aos banheiros e bebedouros públicos para servirem de apoio aos motoristas	Mobiliário	Definição de projeto e dos locais mais adequados de acordo com a disponibilidade de espaço e configuração noturna da malha viária, contratação do projeto e das obras através de licitação ou a ser feito pela própria Secretaria de Obras. Possibilidade de apoio financeiro das empresas do ramo dos transportes em troca de publicidade no equipamento	●
Disponibilização de mais pontos de coleta de resíduos e Pontos de Entrega Voluntária de vidros e metais (ver mapa 6)	As lixeiras dispostas no Centro-Leste são insuficientes para absorver toda a demanda necessária, sendo necessário um maior número de pontos de descarte. Levando em consideração que grande parte dos resíduos gerados naquela região no período noturno são compostos de garrafas e latas, se faz conveniente a instalação de alguns Pontos de Entrega Voluntária para vidros e metais.	Mobiliário	Realizar mapeamento para saber exatamente onde os atuais contentores se mostram insuficientes e fazer a intalação através da COMCAP	●

Legenda: ● Longo prazo. > 2 anos ● Médio prazo. de 6 meses a 2 anos ● Curto prazo. < 6 meses

mapa 4: perímetro do polo noturno do centro-leste



mapa 5: mapeamento de banheiros, mesas e bancos



mapa 6: mapeamento das lixeiras



mapa 7: sistema viário do centro-leste



mapa 8: sistema ciclovitário do centro-leste e posicionamento das estações de aluguel de bicicleta e paradas do serviço de transporte por aplicativo



As mudanças no sistema viário do Centro-Leste busca trazer o menor impacto possível ao já existente, ao mesmo que cria um anel em volta do local, podendo os veículos circularem sem grandes desvios de rota. Para além dos veículos que somente circulam pelo local, os moradores dos condomínios residenciais Topázio, Dona Negra e Eugênio Beirão (únicos com garagem para os moradores) poderão acessar os seus respectivos condomínios a partir das setas indicadas no mapa. o Edifício Topázio seria acessado pela Rua Tiradentes a partir da Av. Hercílio Luz; Edifício Dona Negra pela Rua Nunes Machado a partir da Av. Hercílio Luz; Edifício Eugenio Beirão o acesso se dará pela Rua Tiradentes a partir da Praça Fernando Machado.

No mapa 8 pode se ver que os principais equipamentos existentes e planejados encontram-se reunidos em diferentes localidades da borda do Centro-Leste, buscando manter a tríade Ponto de Motorista de Aplicativo, Estação de Aluguel de Bicicleta e Banheiros públicos juntos e as linhas madrugadões e seus pontos de paradas não muito distantes dos equipamentos mencionados anteriormente.





Exemplo de ponto de parada do serviço de transporte de aplicativo localizado na Praça Fernando Machado próximo ao banheiro público já existente.



Visão da Avenida Hercílio Luz na altura da Rua Tiradentes com exemplo de implantação de um banheiro público para servir aos frequentadores da área. Junto a ele, uma pia para higienização e uma estação de aluguel de bicicletas. Aos fundos pôde-se ver a parada do serviço de transporte por aplicativo e um dos sentidos da Av. Hercílio Luz fechado para a ocupação noturna.



Vista de proposta da Praça Coberta do TECIF com uma arquibancada em uma das laterais para promover o estar e seu último nível poder servir de palco para as apresentações culturais que ali possam haver.

POLO DE CULTURA E LAZER

PROIBIDO TRÂNSITO DE VEÍCULOS DE 5ª FEIRA A SÁBADO DAS 20:00 ÀS 05:00

Exemplo de placa que seria colocado no início de todas as ruas que viriam a serem fechadas no período noturno de quinta-feira a sábado.



bora pra casa?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Jaíne. **Rap só delas na ilha**: batalha das mina existe há um ano e tem provocado transformações no cenário do rap da capital. Batalha das mina existe há um ano e tem provocado transformações no cenário do rap da capital. 2017. Portal Catarinas. Disponível em: <https://catarinas.info/rap-so-delas-na-ilha/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

BRASIL. Lei nº 10257, de 10 de julho de 2001. Estatuto das Cidades. Brasília, DF, 10 de julho de 2001

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF, 05 out. 1988.

CHIBIAQUI, André Michels; NÓR, Soraya. Área central de Florianópolis: implicações do processo de revitalização urbana na vitalidade do setor leste | central area of florianópolis. **Oculum Ensaios**, [S.L.], v. 17, p. 1, 11 jun. 2020. Cadernos de Fe e Cultura, Oculum Ensaios, Reflexão, Revista de Ciências Médicas e Revista de Educação da PUC-Campinas. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0919v17e2020a4356>.

COLAÇO, Thais Luzia. **O carnaval no Desterro**: século xix. 1988. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75457>. Acesso em: 12 set. 2021.

COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis**: décadas de 50, 60 e 70 do século xx. 2004. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86957/210228.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2022.

CRUZ, Layara Alves; TENORIO, Gabriela de Souza. A cidade à noite: uso e apropriação de espaços públicos no período noturno. **XII Seminário Internacional de Investigación En Urbanismo**, São Paulo-Lisboa, 2020, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 00-00, jun. 2020. Academia de Escolas de Arquitectura e Urbanismo de Língua Portuguesa. <http://dx.doi.org/10.5821/siuu.9831>.

DEWDNEY, Christopher. **ACQUAINTED WITH THE NIGHT**: excursions through the world after dark. Londres: Bloomsbury, 2004. 313 p.

DOESER, James; KIM, Anna Marazuela. **Governance Models for Cultural Districts**. 2018. Disponível em: <https://gcdn.net/wp-content/uploads/2018/04/GCDN-Governance-Models-for-Cultural-Districts-2018.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FLORIANÓPOLIS (Município). Decreto nº 22.143, de 15 de outubro de 2020. Florianópolis, SC, 15 out. 2020.

FLORIANÓPOLIS (Município). Decreto nº 226, de 24 de junho de 1995. Florianópolis, SC, 24 jun. 1995.

FLORIANÓPOLIS (Município). **Dispõe Sobre A Concessão de Incentivos Fiscais no Município de Florianópolis Às Empresas Enquadradas Como Startup**. FLORIANÓPOLIS, SC, 10 jan. 2020.

FLORIANÓPOLIS. (Município) Lei Complementar nº 7, de 06 de janeiro de 1997. Consolidação das Leis Tributárias. Florianópolis, SC, 06 jan. 1997.

FLORIANÓPOLIS (Município). **Lei do Plano Diretor**. FLORIANÓPOLIS, SC, 2014.

FLORIANÓPOLIS (Município). Lei nº 1.224, de 02 de setembro de 1974. Código de Posturas

Municipal. Florianópolis, SC, 02 set. 1974.

FLORIPA CENTRO (ed.). **Miramar**: o ponto de encontro de florianópolis durante meio século completaria 93 anos. O ponto de encontro de Florianópolis durante meio século completaria 93 anos. 2021. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/miramar-o-ponto-de-encontro-de-florianopolis-durante-meio-seculo-comple>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FLORIPA CENTRO (Santa Catarina). Floripa Centro (ed.). **A lendária Confeitaria Chiquinho**: com três andares, em 1926, era o edifício mais alto de sc. Com três andares, em 1926, era o edifício mais alto de SC. 2021. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/a-lendaria-confeitaria-do-chiquinho-com-tres-andares-em-1926-era-o-edif>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FLORIPAMANHÃ. **Câmara aprova projeto que incentiva a instalação de Startups na área leste da Capital**. 2019. Disponível em: <https://floripamanha.org/2019/11/camara-aprova-projeto-que-incentiva-a-instalacao-de-startups-na-are>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FLORIPAMANHÃ. **Projeto Distrito 48 vai transformar área central de Floripa através da economia criativa**. 2020. Disponível em: <https://floripamanha.org/2020/08/projeto-distrito-48-vai-transformar-area-central-de-floripa-atraves-da-economia-criativa/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. A gestão da noite urbana carioca: entre discursos sobre ordem urbana e práticas socioeconômicas. **Sociedade & Natureza**, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 221-235, maio 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320140202>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/YRjMG8VhvHMPvWTS4J5JhZn/?lang=pt>. Acesso em: 01 ago. 2022.

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. A noite e a cidade: uma revisão temática para a geografia. **Geosp Espaço e Tempo (Online)**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 623-640, 12 dez. 2018. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.151544>.

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. Espaços públicos e vida noturna. **Geografares**, [S.L.], n. 26, p. 69-85, 10 ago. 2018. Universidade Federal do Espírito Santo. <http://dx.doi.org/10.7147/geo26.20999>.

GWIAZDZINSKI, Luc. The Urban Nigh: a space time for innovation and sustainable development. **Artículo: Journal of Urban Research**. S.I. nov. 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/articulo/3140>. Acesso em: 01 ago. 2022.

JACOBS, Jane. OS USOS DAS CALÇADAS: SEGURANÇA. In: JACOBS, Jane. **MORTE E VIDA DE GRANDES CIDADES**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Cap. 2. p. 30-45.

MACHADO, Leandro. **A polêmica das creches noturnas**: 'tive que sair do trabalho por não ter onde deixar minha filha'. BBC. São Paulo, fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51496986>. Acesso em: 01 ago. 2022

MELBIN, Murray. **Night As Frontier**. American Sociological Review. Boston, p. 3-22. fev. 1978. Disponível em: https://condor.depaul.edu/dmakagon/student/city_night/melbin_night_as_frontier.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. **Aspectos geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis: Fcc, 1991. 284 p.

PEREIRA, Elson Manoel. **Qual planejamento urbano no contexto da sociedade da incerteza?**: florianópolis e seus planos diretores. Geosul, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 103-121, jun. 2010. Disponível em: <https://labcs.ufsc.br/files/2011/12/09.-PEREIRA-E.M.-Qual-planejamento-urbano-no-contexto-da-sociedade-da-incerteza.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

ROZA, Gabriele; SEIDLER, Valesca (ed.). **Se a cidade fosse minha**: o direito à mobilidade à noite. Nexo. São Paul. jan. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/reportagem/2020/01/14/Se-a-cidade-fosse-minha-o-direito-%C3%A0-mobilid>. Acesso em: 01 ago. 2022.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 16050, de 2014. Plano Diretor Estratégico. São Paulo, SP, 01 abr. 2014. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/plano-diretor/>. Acesso em: 30 set. 2022.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 173.333, de 25 de março de 2020. . São Paulo, SP, 25 mar. 2020.

SEIJAS, Andreina. **La noche**: el gigante dormido de la planificación urbana. el gigante dormido de la planificación urbana. 2016. Disponível em: <https://es.weforum.org/agenda/2016/10/la-noche-el-gigante-dormido-de-la-planificacion-urbana/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

SOARES, Luiz Carlos. POR UMA GENEALOGIA DA NOITE NA CULTURA OCIDENTAL. **Diálogos Latinoamericanos**, Aarhus, v. 1, p. 46-58, 2000. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16200106>. Acesso em: 01 ago. 2022.

SPAUTZ, Dagmara. **Sem festas públicas, SC inaugura o Carnaval “só para os ricos”**. 2022. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/dagmara-spautz/sem-festas-publicas-sc-inaugura-o-carnaval-so-para-os-ricos>. Acesso em: 01 ago. 2022.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e cidade**: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930-1960. 2009. 377 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-26022010-141740/pt-br.php>. Acesso em: 01 ago. 2022.

THOMÉ, Rafael. **GRITO DE RESISTÊNCIA**: ritmo e poesia nas batalhas de rima refletem a realidade das periferias de Florianópolis e dão o recado em um discurso de luta contra o preconceito. SEM DATA. Disponível em: https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_nos_97_rapfloripa/index.html. Acesso em: 01 ago. 2022.

VAINER, Carlos B.. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, Otília; VEINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 75-102.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis**: memória urbana. 4. ed. Florianópolis: Ufsc, 1993. 390 p.

VILLAÇA, Flávio José Magalhães. A SEGREGAÇÃO URBANA. In: VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **ESPAÇO INTRA-URBANO NO BRASIL**. São Paulo: Studio Nobel, 2001. p. 141-155.

